

Akemi Hijioka

Espaços Livres Urbanos e a Esfera de Vida Pública
Contemporânea
Os Centros da cidade de Mogi das Cruzes - SP

PUC-CAMPINAS
2007

Akemi Hijioka

Espaços Livres Urbanos e a Esfera de Vida Pública
Contemporânea:
Os Centros da Cidade de Mogi das Cruzes - SP

Dissertação apresentada à Banca da Pontifícia
Universidade Católica de Campinas, como exigência parcial para obtenção do
título de MESTRE em Urbanismo.

Orientador Prof. Dr. Eugênio Fernandes
Queiroga.

PUC-CAMPINAS
2007

Ficha Catalográfica
Elaborada pelo Sistema de Bibliotecas e
Informação – SBI – PUC-Campinas

Hijioka, Akemi

Espaços livres urbanos e a esfera de vida pública contemporânea:
O centros da cidade de Mogi das Cruzes – SP / Akemi Hijioka. –
Campinas: PUC-Campinas, 2007.

Orientador: Eugenio Fernandes Queiroga
Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de
Campinas, CEATEC- Urbanismo.

1. Espaço Livre. 2. Área Central. 3. Esfera Pública. Urbanismo
Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

BANCA EXAMINADORA

Orientador

Prof. Dr. Eugênio Fernandes Queiroga _____

1º Examinador

Prof. Dr. Wilson Ribeiro dos Santos Junior _____

2º Examiadora

Profª. Drª. Marta Enokibara _____

Campinas, ___ de _____ de 2007.

À Fernanda, e à memória de meus pais.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Eugênio Fernandes Queiroga, mestre sempre atento e aplicado, pela orientação precisa e competente, e por ter acreditado neste trabalho.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Urbanismo da PUC-Campinas, pelo empenho cotidiano em conduzir nos pelos caminhos certos.

Aos amigos do curso, pelo apoio e torcida mútua.

À Vinie, amiga, irmã, pelo carinho e força em todos os momentos.

Ao Marcelo pelas colaborações gráficas e importantes sugestões.

Ao Ubirajara pelos diálogos preciosos e disponibilização dos acervos.

Aos meus irmãos, Haruka, Midori, Michio e Norio, pela união e força.

À Mi e ao Chico, pelo exemplo de dedicação, força e carinho.

À Fernanda pela compreensão, sorriso, companheira, razão de ser.

Ao Roberto e Oeys pelo apoio, torcida e incentivo.

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho.

LISTA DE FIGURAS

figura 01	Mogi das Cruzes em 1817, por Thomas Ender	09
figura 02	Mapa do município de Mogi das Cruzes.....	11
figura 03	Tabela de produtividade de hortifrutigranjeiro em área da RMSP....	14
figura 04	Evite estacionar: Área sujeita a alagamento	26
figura 05	O Rio Tietê em 1951	29
figura 06	Faixa delimitada da APA do Rio Tietê e localização dos Parques ..	30
figura 07	A Serra do Itapeti	32
figura 08	Vista panorâmica da cidade (oeste)	34
figura 09	Área Central	36
figura 10	Centro Tradicional	43
figura 11	O Largo e Igreja Matriz: Thomas Ender, 1817	46
figura 12	Objetos e Ações - Praça Cel. Almeida	48
figura 13	Permanência e transitoriedade	50
figura 14	"Praça da Fonte"	54
figura 15	Igreja do Rosário e o Largo	55
figura 16	Objetos e Ações: Praça João Pessoa.....	59
figura 17	Praça da Marisa.....	60
figura 18	Rotina diária: ginástica e limpeza	61
figura 19	Parley Park	62
figura 20	Calçadas e ruas estreitas.....	63
figura 21	O "Jardim" à direita, ao fundo a Igreja do Rosário	65
figura 22	Jardim Público de Mogi	67
figura 23	Objetos e ações: Praça Oswaldo	70
figura 24	Praça Sacadura Cabral	73
figura 25	O Calçadão	76

figura 26	Nicollet Avenue	77
figura 27	Nicollet Mall	77
figura 28	Metálica Cover na Praça do Carmo	80
figura 29	Quinteto de Metais na Igreja do Carmo	81
figura 30	Objetos e ações : Praça do Carmo	82
figura 31	Centro expandido	84
figura 32	Centro expandido - quadra do Centro Cívico e o entorno	86
figura 33	Paço Municipal de Santo André	89
figura 34	A procissão chegando na cidade	94
figura 35	Devotos no interior do Império	97
figura 36	Carros de bois no asfalto da cidade	99
figura 37	Medalhas no peito e o apito na mão	101
figura 38	A rua vira tela	102

RESUMO

HIJIOKA, Akemi. Espaços Livres Urbanos e a Esfera de Vida Pública Contemporânea: Os Centros da Cidade de Mogi das Cruzes – SP. Campinas, 2007. 130f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Pós-Graduação em Urbanismo, Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Campinas, 2007

Este trabalho tem como objetivo a análise dos espaços livres públicos centrais da cidade de Mogi das Cruzes; baseados na acepção do espaço santosiano e na esfera pública arendtiana.

A crescente especialização do espaço dentro da cidade, o deslocamento das formas de entretenimento para recintos fechados, o crescimento do uso de veículos, as condições de vida urbana atual mostram alterações nas formas de apropriação dos espaços livres, apontados em diversos estudos como perda de interesse por praças e espaços públicos. As praças e largos do centro tradicional de Mogi das Cruzes e os espaços livres do centro expandido contrastam nas dimensões e nas formas de apropriações; e esses espaços são analisados através de uma leitura dialética, do global e local, das mudanças e permanências, das apropriações, alterações e transformações tanto do sistema de objetos quanto do sistema de ações. Dentro do processo de leitura, o corpo desempenha um papel fundamental e tem como base a fenomenologia da percepção.

Analisados e comparados, os espaços livres do centro tradicional revelam-se, como lugares de exposição de pluralidades, palco de ações e palavras no cotidiano de ontem e de hoje, o seu significado como importantes espaços do convívio social cotidiano. Os espaços livres do centro expandido, não se apresentam como lugares da constituição da esfera de vida pública, no entanto portadores de possibilidades de inserção de significados e valores sociais, culturais, simbólicos.

No mundo atual onde a população vai se tornando cada vez mais urbana, apesar de e sobretudo pela condição alienante decorrente da globalização, o provimento do espaço que abrigue a esfera de vida pública, se faz cada vez mais necessário e está relacionado à qualidade de vida dos habitantes da cidade.

ABSTRACT

This work has the objective to analyze the central public spaces in the city of Mogi das Cruzes based on the conception of the word space for Milton Santos and also under the conception of the public sphere according to Hanna Arendt. The growing specialization of the space in the city, the changes on the ways of entertaining towards closed places, the growing use of vehicles, the current urban life conditions, show the alterations on the ways of appropriation of open spaces, highlighted in several studies as the lack of interest for squares and open public spaces. The squares and alleys of the traditional city centre of Mogi das Cruzes and the open spaces of the expanded centre contrast on the dimensions and on the ways of appropriation; and; those spaces are analyzed within an dialectical reading, both global and local, of the changes and permanence of the appropriations, alterations and transformations of the system of objects, as much as, the system of actions. During the process of reading, the body develops a fundamental role and has as its base the phenomenology of perception. Analyzed and compared ,the open spaces of the traditional city centre reveal themselves as places for the exhibition of pluralities , stage for actions and words for current and past actions in daily life; their meaning as important spaces for social quotidian living. The open spaces of the expanded city centre are not presented as places that constitute the public sphere of life; however, they bare possibilities of insertion of meanings and social, cultural and symbolic values. In the current world, where the population is becoming more and more urban, besides, and especially, because of the alienating condition imposed by the globalization, providing spaces that may host the public sphere of life are even more necessary and it is related to the quality of life for the inhabitants of a city.

INTRODUÇÃO	01
CAPÍTULO 1	09

Caracterização do Município de Mogi das Cruzes	
1.1- Configuração Urbana	19
1.2- O Rio e a Serra na Cidade	25
CAPÍTULO 2	34
Área Central	
2.1 Centro tradicional	41
2.1.1 Praça Coronel Almeida	45
2.1.2 Praça João Pessoa	53
2.1.3 Praça Oswaldo Cruz	64
2.1.4 Praça Sacadura Cabral	72
2.1.5 Os Calçadões	75
2.1.6 Praça do Carmo	79
2.2 Centro expandido	83
2.2.1 Centro Cívico	85
CAPÍTULO 3	91
Leitura das apropriações do espaço público do Centro e Centro Expandido	
Tradições e Contradições na Festa do Divino	
COTEJANDO OS SISTEMAS DE ESPAÇOS LIVRES DO CENTRO	
TRADICIONAL E DO CENTRO EXPANDIDO	107
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	113

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo a análise dos espaços livres¹ centrais da cidade de Mogi das Cruzes; baseados na acepção do espaço santosiano² e na esfera pública arendtiana³.

O espaço segundo Milton Santos, como aqui adotado, é entendido como um conjunto indissociável do sistema de objeto e sistema de ações, como totalidade, instância social, ao mesmo nível da instância econômica, cultural, ideológica e política. Permitindo assim uma análise espacial dialética e sistêmica: os fixos e fluxos, a paisagem e a sociedade, as horizontalidades e verticalidades, a tecnosfera e a psicosfera, os embates entre o lugar e o mundo. (SANTOS, 1996)

A esfera de vida pública tem como lugar os espaços livres da cidade, não somente neles mas por excelência o são, lugares da multiplicidade, co-presença física de elementos diversos na igualdade que possibilitam compartilhar o mundo com semelhantes e estranhos, pressuposto pela liberdade e que a propicia também.

¹ Espaço Livre aqui entendido como todo espaço não edificado, baseando-se no conceito de Miranda Magnolli, compreende não somente jardins, parques e praças; mas também avenidas, ruas, calçadas, corpos d'água e sua orla, quintais independentes do fator fundiário.

² Espaço entendido como um conjunto indissociável do sistema de objetos e sistema de ações. SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço.

³ ARENDT, Hannah. A Condição Humana, para Arendt a Esfera Privada se relaciona ao domínio das necessidades e a Esfera Pública ao domínio da liberdade. Lugar onde cidadãos livres de suas necessidades cotidianas colocam sua diversidade através da ação e da palavra, o plural que traz a visualização do comum.

Praças e largos do centro tradicional de Mogi das Cruzes são espaços livres centenários originários do séc XVII; já do centro expandido, resultados do planejamento urbano mais recente, nos finais da década de 70. Espaços tradicionais e modernos, que revelam os diversos momentos da produção da cidade e apresentam a diversidade nas dimensões e pluralidade nas apropriações.

Nesta dissertação busca-se o entendimento da organização desses espaços dentro da cidade e o seu significado enquanto lugares do convívio social cotidiano.

Esta se faz concomitantemente tanto através da análise das diferenças físicas apresentadas no tecido urbano, como através das formas de apropriações; ações, momentos e movimentos enquanto local de manifestação das diversas formas de expressão da esfera de vida pública.

A crescente especialização do espaço dentro da cidade, deslocamento das formas de entretenimento para recintos fechados como condomínios fechados, “*shopping centers*”, crescimento do uso de veículos, as condições de vida urbana atual mostram alterações nas formas de produção e apropriação dos espaços livres.

São realidades urbanas contemporâneas, apontados em diversos estudos como perdas de interesse pelas praças e espaços públicos:

"Como já tem sido feito por inúmeros profissionais, temos de reconhecer que as mudanças nas áreas centrais se relacionam também com outra categoria de problema: o do esvaziamento dos locais de convivência entre os diferentes setores sociais,

dificultando a construção de uma identidade comum e, como consequência, da vida cívica.⁴

Diante da lógica dominante da globalização; da ação instrumentalizada que sobrepõem fronteiras, ultrapassa as delimitações físicas pré-estabelecidas e remete à noção de que o global é o comum, coexiste o local; aquele que vivenciamos o dia a dia. Apesar da proximidade e instantaneidade com o mundo que a técnica, ciência e informação nos proporcionam; ainda ocupamos os lugares, vivemos em nossas casas, nossos bairros e nossas cidades.

A predominância aparente do global sobre o local, já que o lugar dessa lógica é o mundo, e o mundo que é comum a todos; remete à homogeneidade da massa, das ações constantes que destituem a esfera do diálogo. Porém na outra ponta, na análise do cotidiano dos usuários das praças e largos da área central revelam-se particularidades e complexidades, onde as práticas espaciais cruzam-se no cotidiano e que apontam para a necessidade de releitura dessa aparente lógica.

A história e geografia da formação urbana inicialmente subsidiarão o entendimento da origem e distribuição dos espaços livres, em seguida o foco volta se para as áreas do centro tradicional e da centralidade expandida.

Diversos momentos da vida da cidade são analisados, através da leitura desses espaços no cotidiano de ontem e de hoje, apropriações, usos, alterações, transformações das dinâmicas.

Milton Santos (1998, p.68) nos alerta que a teorização do lugar não é menos importante que a teorização do universo, mais ampla e mais fácil, coloca

⁴ REIS, Nestor Goulart. Notas sobre Urbanização dispersa e novas formas de tecido urbano. São Paulo: Via das Artes, 2006. (Situação nas áreas centrais, p.69)

ainda que estudar o lugar é estudar a dimensão mais complexa do espaço geográfico, e define o lugar como um espaço do acontecer solidário (SANTOS, 1996) – organizacional e orgânico.

E ainda afirma os lugares, como a materialização da idéia abstrata de território; ponto de encontro de lógicas que trabalham em diferentes escalas, reveladoras de níveis diversos e às vezes contrastantes.

No estudo de caso deparamos com espaços livres ínfimos com menos de 2.000 m² de intensa apropriação, espaços generosos de mais de 100.000 m² de pouca apropriação, daí a indagação: como foram criados, como são usados, quais os quesitos que levam ao sucesso? Projeto, entorno, localização, hábitos, tradições? Essas questões são investigadas na tentativa de entender os contrastes e os elementos comuns desses lugares.

Dentro do processo de leitura do espaço, o corpo desempenha um papel fundamental e tem como base a fenomenologia da percepção⁵. O estudo que Merleau-Ponty fez da percepção constituiu uma tentativa de dar aos conceitos de mundo, espaço, tempo, agência humana e liberdade àquilo que Husserl chamou de sua “efetivação” em termos perceptuais.⁶

A fim de compreender o conceito de mundo, precisamos ir além do “preconceito do mundo objetivo” e chegar à consciência pré-objetiva; a experiência é constituída de “campos fenomenais”.⁷

E nesse trabalho este conceito foi traduzido em “viver” o campo de pesquisa em diferentes momentos, situar-se em dias da semana, finais de

⁵ MERLEAU-PONTY, Maurice, A fenomenologia da percepção.

⁶ HAMLIN, D. W. Uma história da Filosofia Ocidental - Fenomenologia e Movimentos Correlatos. Ed. Jorge Zahar. Trad. Ruy Jungmann

⁷ Idem

semana, em horários distintos, a fim de acompanhar os atores; esse posicionamento foi fundamental para captar a diversidade do sistema de ações.

Na pesquisa de campo além da observação direta, cerca de 50 entrevistas semi-estruturadas foram feitas com usuários locais, com intuito de buscar a fruição no diálogo, espontaneidade e informalidade a fim de entender as peculiaridades e significados desses espaços para cada um.

O primeiro capítulo discorre sobre a formação do município de Mogi das Cruzes, iniciando pela história da formação urbana, como estratégia de povoamento ao interior do continente. Os primeiros espaços livres surgiram com as ordens religiosas que se instalavam, eram espaços de convergência e tinham importância fundamental no cotidiano da cidade.

Alterações na forma de produção da cidade, conseqüentemente dos espaços livres, podem ser observadas no tecido urbano, variando conforme o período em que a cidade se formava. Dos primeiros largos e praças essenciais para a vida na cidade como eram nos primórdios; mais tarde a fase da instalação das indústrias e espraiamento das bordas urbanas, até a produção atual que onde se destacam os espaços livres fortemente relacionados à circulação de veículos como canteiros centrais, rotatórias e alças de acesso.

O espaço para o convívio cotidiano, aberto, público, gratuito, da esfera de vida pública vem sendo substituído por espaços seletivos, confinados, pagos, da esfera de vida social⁸.

⁸ SEL - Sistema de Espaços Livres e a Constituição da Esfera Pública Contemporânea no Brasil. Processo Fapesp No 06/56623-2. Para o referido Projeto Temático de Pesquisa a Esfera Social se caracteriza por acessos restritos a determinados grupos sociais, em que o mundo do negócio e do ócio se produz, em boa medida, para além da vida privada e aquém da vida pública.

No segundo capítulo o foco é lançado para os espaços livres da Área Central: do centro tradicional e do centro expandido.

Os espaços livres do centro tradicional consolidado ao longo de quase quatro séculos e sofreram alterações decorrentes da dinâmica econômica, política e social que a cidade passou; mudou-se o desenho, o traçado viário, o entorno enquanto sistema de objetos, permaneceu-se alguns valores, memórias e usos enquanto sistema de ações. São tomados como estudo de caso do centro tradicional as cinco das sete praças e largos da área central; e do centro expandido o espaço livre da quadra correspondente ao centro cívico. Esta escolha foi baseada na intensidade da apropriação e na dinâmica que acontece no espaço.

O centro expandido teve início na década de 70 do século XX, criou-se grandes quarteirões monofuncionais cortados por vias de circulação rápida, no interior das quadras os espaços livres amplos entre as edificações, seguindo os preceitos do urbanismo moderno.

Os espaços livres resultantes da produção desses dois tecidos contrastam tanto nas dimensões quanto nas formas de apropriação.

No terceiro capítulo faz-se uma leitura de um momento específico da cidade. A Festa do Divino; uma festa que tem a tradição de mais de 300 anos com duração de dez dias, onde a transformação da cidade pode ser percebida com maior intensidade, quando as tradições e contradições são evidenciadas.

A festa e ações decorrentes dela que permeiam não somente os locais da festa⁹, mas estendendo-se por toda a cidade, independentes das diferenças morfológicas apresentadas no tecido da cidade.

Finalmente nas considerações finais colocam-se as diferenças dos espaços livres do centro tradicional e do centro expandido, sob o aspecto morfológico, sociabilidade e uso.

No centro tradicional existe uma intensa dinâmica decorrentes da tradição do lugar, são valores de uso, de memória consolidados ao longo do tempo; as intervenções ocorridas nos espaço livres do centro tradicional nem sempre acolhem satisfatoriamente essa intensa dinâmica que acontece.

Os espaços livres do centro expandido ao contrário do centro tradicional são de dimensões generosas, porém pouco voltados para a praticas do cotidiano na construção da esfera de vida pública; o centro cívico tomado como estudo de caso tem mais de cem mil metros quadrados de espaço livre, predominando em sua maior parte em áreas pavimentadas com asfalto, destinados aos estacionamentos de veículos ou à circulação.

A apropriação intensa do espaço livre do centro tradicional não se dá somente pela concentração do comércio, mas está fortemente relacionado à memória e tradição; as rugosidades¹⁰ das quais falava Milton Santos.

A leitura que se tem em grande parte do tecido urbano são espaços livres fragmentados como aparas, a produção de espaços livres públicos destinados efetivamente ao convívio cotidiano dentro da cidade não somente vêm

⁹ A Festa do Divino tem como local da quermesse área livre do centro expandido, procissões e missas na igreja e ruas do centro tradicional. No sábado que antecede o domingo de pentecostes, a procissão da Entrada dos Palmitos ocupa toda a área central.

¹⁰ Santos, Milton; A natureza do Espaço. São Paulo, Huitec, 1996

diminuindo, como os existentes anteriormente têm suas dimensões reduzidas em detrimento do alargamento do viário.

CAPÍTULO 1

Caracterização do município de Mogi das Cruzes

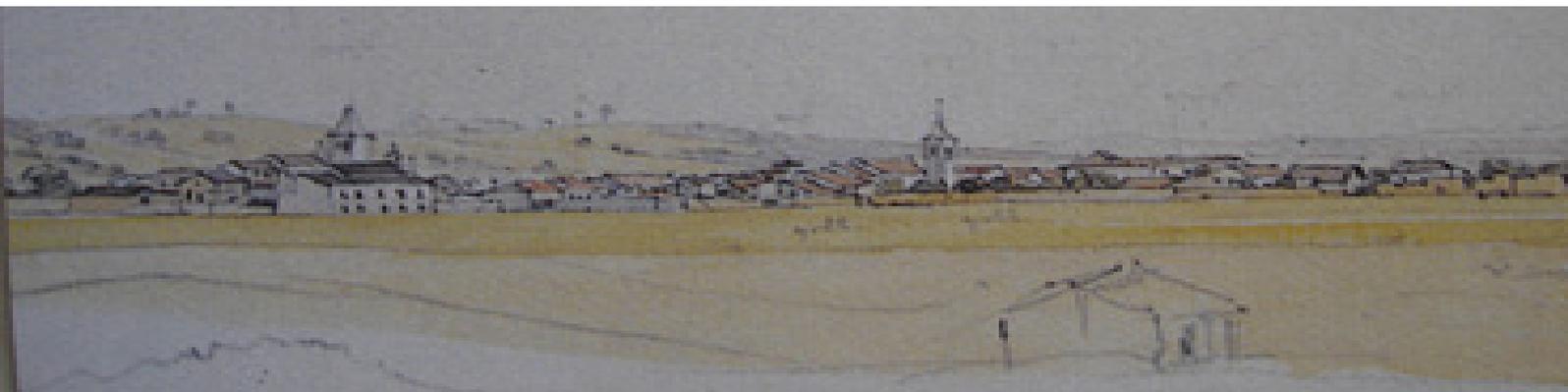


Figura 01
Mogi das Cruzes em 1817, por Thomas Ender
Acervo: CONPHAP

Mogi das Cruzes é uma cidade localizada no vetor leste da região metropolitana de São Paulo, tem uma população de 372.419 habitantes¹¹. Possui área de 721 km² sendo 220 km² de área urbana.

A interligação física com a capital acontece através de modernas rodovias como a Presidente Dutra ou Ayrton Senna que vence o percurso de 60 km em menos de uma hora; ou pela antiga e não tão rápida, rodovia São Paulo-Rio de Janeiro que tem origem nos caminhos históricos e passa por várias cidades; além dos acessos por ferrovia que liga até a estação da luz.

Dá acesso ao litoral norte, distante 45 km de Mogi das Cruzes, constituindo o caminho mais curto da capital para quem se dirige ao município de

¹¹ Fonte IBGE 2006. População estimada em 01/07/2006

Bertioga, através da Rodovia Mogi-Bertioga. Anteriormente passava-se pelo centro da cidade, mas a intensidade de fluxo levou à construção de vias perimetrais, para solucionar constantes problemas de congestionamentos nas estreitas ruas da área central.

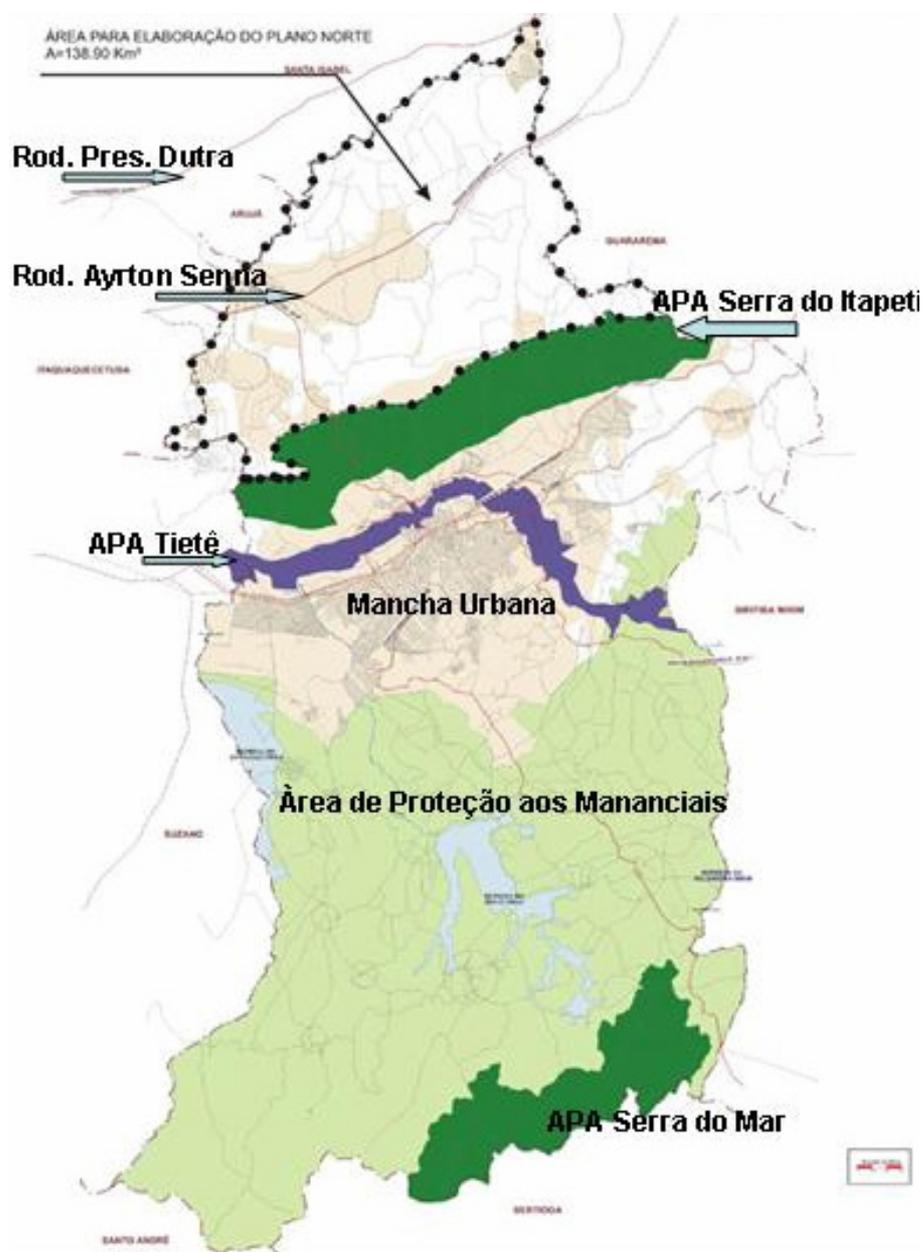


figura 02

Mapa do município de Mogi das Cruzes

Fonte: Secretaria de Planejamento

A formação do município iniciou-se a partir do povoado que surgiu às margens do rio Tietê, quando Gaspar Vaz e seus homens saíram da Vila de Piratininga rumaram para a nascente do rio Mboigy atrás dos escravos fugidios.¹²

O pequeno povoado era basicamente para atender de provisões, vendas de mantimentos e abrigo para os primeiros desbravadores. Caracterizou-se, também, como ponto de parada de bandeirantes, desempenhando importante papel na colonização do estado de São Paulo.

Além de acessível, Mogi das Cruzes situava-se em local estratégico para transposição dos Rios Tietê e Paraíba, cujo percurso conduzia para o litoral carioca pelo continente e cujo vale veio a desempenhar importante função na economia de abastecimento de Minas Gerais durante o século XVIII.

Oficialmente instalada a 1º de setembro de 1611, sob a denominação de Sant'Anna de Mogy Mirim, foi o terceiro posto avançado de colonização no planalto de Piratininga. Santo André da Borda do Campo, fundada em 1553, no alto da serra e São Paulo de Piratininga em 1554, eram as primeiras.

Até então a Coroa Portuguesa havia criado somente dezesseis vilas, todos ao longo do litoral brasileiro, iniciavam-se naquele tempo as primeiras investidas que conduziram a penetração continental¹³.

Mogi passou a acolher o contingente da população de Piratininga que buscava novas terras para se estabelecer, uma vez que estas eram doadas com o intuito de povoar e estabelecer aqui um ponto estratégico. Para incentivar o

¹² GRIMBERG, Isaac. Folclore de Mogi das Cruzes, São Paulo: s/ ed. 1983.

¹³ GRIMBERG, Isaac. Memória fotográfica de Mogi das Cruzes, 2ª Ed.Ex. Libris, 2001

crescimento da Vila, havia a distribuição dos “chãos para casas e quintais”, que é como se denominavam na época os terrenos urbanos.

A configuração do tecido urbano se deu a partir da pequena igreja de invocação de Sant’Anna, iniciando o traçado da malha a partir do quadrilátero correspondente ao seu adro. Assim como a maioria das cidades coloniais brasileiras surge do solo sagrado¹⁴.

Diversas ordens religiosas atuaram na cidade; Carmelitas, Beneditinos, Franciscanos, as quais foram responsáveis pelos primeiros traçados da cidade que surgia.

Porções generosas das terras eram doadas a essas ordens que tinham importância fundamental para o povoamento, toda a sociedade se mobilizava em torno dos acontecimentos religiosos.

A economia que nos primórdios era eminentemente agrícola, plantava-se café, algodão, milho e outros produtos de primeira necessidade, hoje é baseada na indústria, comércio e serviços na área urbana, e no meio rural na produção de hortifrutigranjeiros e flores.

A zona rural teve ocupação significativa a partir dos anos 60 do século passado com a vinda de imigrantes japoneses, hoje a terceira geração desses pioneiros são os responsáveis pela produção da grande parte de hortaliças, frutos e flores que abastecem a RMSP¹⁵.

Muda-se a imagem dos primeiros agricultores japoneses que trabalhavam sol a sol, persistente, perseverante na lida diária com a terra com o tempo, hora a favor, hora contra, comemorando boas safras ou amargando

¹⁴ MARX, Murillo. Nosso chão do sagrado ao profano. São Paulo, Edusp, 1989.

¹⁵ RMSP – Região Metropolitana de São Paulo. Abrange 42 municípios.

perdas. As novas gerações, filhos e netos dos primeiro imigrantes, tornaram-se empresários do setor agrícola utilizando-se da tecnologia, biotecnologia; munidos ainda de informações sobre o tempo e o clima, planejam estrategicamente o produto ideal a ser produzido. Por meio da análise da demanda de mercado e utilização de logística na distribuição despontam como os maiores produtores de hortifrutigranjeiro da RMSP e um dos mais importantes pólos produtores do país.

Hortifrutigranjeiro

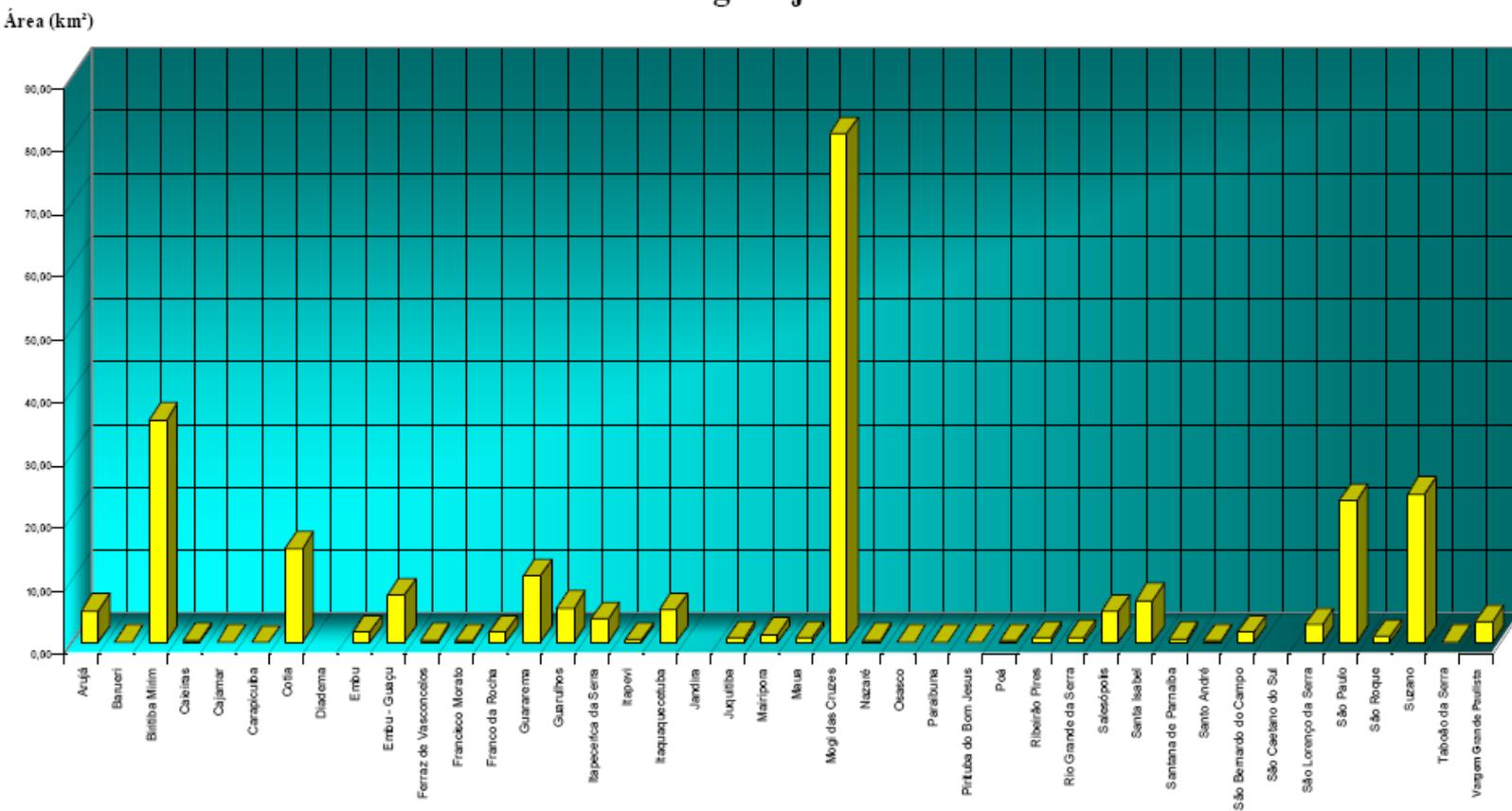


figura 03
Tabela de produtividade de hortifrutigranjeiro em área da RMSP
fonte: Emplasa, 2005

Nas áreas de produção agrícola onde antes predominavam um mosaico em variações de verde, hoje já se vêem grandes áreas tomadas por estufas destinados a plasticultura¹⁶, ferti-irrigação¹⁷ e hidroponia¹⁸.

Segundo levantamento da secretaria municipal de agricultura, abastecimento e meio ambiente, das lavouras dos quase 2 mil agricultores da região de Mogi, saem diariamente 1255 toneladas de hortifrutigranjeiros e flores para o abastecimento de cerca de 35% do mercado do estado de São Paulo e 5% do Rio de Janeiro.

Os reflexos da imigração estão incorporados na vida da cidade; tanto através de nomes das ruas e praças, como através de eventos que já são tradicionais. Quase uma dezena de festividades tipicamente orientais acontece no decorrer do ano nos diversos bairros do município. A mais representativa delas é a Festa do Outono, realizada em abril, que faz parte do calendário oficial das festas do município e atrai a população não somente da cidade de Mogi das Cruzes, mas das cidades vizinhas.

O setor secundário ainda é o principal setor que movimenta a economia da cidade. O setor industrial conta com mais de 750 empresas nos segmentos de metalurgia mecânica, componentes eletrônicos, papel, papelão, químico e farmacêutico. Tem potencial de crescimento nesse setor com o surgimento de novos pólos industriais em áreas adjacentes às modernas rodovias que cortam o município.

¹⁶ Comparativamente à produção em campo, reduz em cerca de 30% o volume de defensivos agrícolas necessários ao cultivo, eleva a produtividade em até três vezes e elimina perdas derivadas de intempéries climáticas.

¹⁷ Irrigação por gotejamento usual na plasticultura, evita o desperdício tanto de água quanto de adubo.

¹⁸ Cultivo de verduras em água substituindo o tradicional plantio na terra, usada em vários tipos de hortaliças.

O terciário concentra 6450 estabelecimentos, tem 29 agências bancárias, cinco hospitais, um shopping center, grandes redes de lojas, hipermercados e supermercados.

O Produto Interno Bruto (PIB) do município é de R\$3.696.803 mil reais¹⁹, na divisão por setores predomina ainda o setor secundário, mas a diferença entre o terciário vem sendo sensivelmente diminuído.

Primário – 213.777 mil reais.

Secundário – 1.759.513 mil reais.

Terciário – 1.426.199 mil reais.²⁰

O município possui duas universidades, a Universidade de Mogi das Cruzes e a Universidade Brás Cubas, que oferecem vários cursos de graduação e especialização nas áreas de humanas, exatas e biomédicas. E ainda uma faculdade de educação física e fisioterapia, originalmente fundada como Clube Náutico Mogiano.

Recebe cerca de trinta mil estudantes universitários diariamente que vêm da capital, cidades vizinhas, a grande maioria desloca-se por meio de ônibus de linha ou fretado, trem ou carro próprio. Os que vêm do interior ou outros estados instalam-se em moradias nas proximidades das instituições.

Está inserida no contexto do que poderíamos chamar de sociedade de massas, ou integrada na “aldeia global”²¹ contando com três emissoras oficiais

¹⁹ Dados do IBGE 2004.

²⁰ Idem

²¹ McLuhan, Marshall: teórico de comunicação canadense que cunhou a expressão “aldeia global”

locais de rádio e duas de televisão²² e recebe sinais de todos os principais sistemas de televisão por assinatura e telefonia de banda larga e celulares

Polariza cidades ao redor como Biritiba Mirim, Guararema, Suzano e Salesópolis; Mogi das Cruzes, assim como várias cidades brasileiras de porte médio inseridas no mundo moderno globalizado, abrigam no seu cotidiano a dinâmica dominante do capitalismo e consumo. Nos últimos anos têm surgido novos pólos industriais ao longo dos eixos rodoviários, comerciais e institucionais. Esses novos empreendimentos vêm alterando a paisagem nos arredores da cidade; dentro do urbano consolidado é vista na tipologia das construções, que vêm se verticalizando nas áreas centrais e nas bordas urbanas o espraiamento horizontal, consequência do voraz mercado imobiliário.

A expansão que antes se estendia no eixo São Paulo – Rio de Janeiro ao longo da linha ferroviária, onde atualmente se encontra a porção antiga da cidade, hoje se desloca ocupando novos eixos rodoviários como a Rodovia Ayrton Senna, que por sua vez conecta a Rodovia Carvalho Pinto e Rodovia D. Pedro, com grandes áreas destinadas aos novos distritos industriais.

Ao longo da Rodovia Dom Paulo Rolin Loureiro, conhecido como Mogi-Dutra, a via que interliga a Rodovia Ayrton Senna a Mogi das Cruzes, se instalam os condomínios residenciais ao longo dos seus 14 km. As melhorias de acesso com a duplicação da pista têm contribuído para valorizar ainda mais os empreendimentos.

Na última década têm surgido nas áreas limítrofes a APA Serra do Itapeti por onde passa a rodovia Mogi-Dutra, vários condomínios fechados, com grande sucesso de vendas, decorrentes tanto da proximidade com a capital,

²² TV Diário (afiliada a Rede Globo de Televisão) e TV Mogi, no sistema a cabo.

quanto da valorização iminente em curto prazo apresentado pelas instalações de empresas de porte nos distritos industriais.

A mobilidade ampliada permite maior integração entre os núcleos urbanos, gera novas formas de articulação sócio-espacial e complementaridade entre as cidades.

O processo onde antigas fazendas de produtores rurais dão lugares aos empreendimentos imobiliários tem sido padrão, e este padrão vem se repetindo na última década. Os condomínios surgidos nesse processo são opções de moradia das famílias de classe média-alta tanto de Mogi das Cruzes e cidades vizinhas, quanto de paulistanos. Tornando-se alternativas atraentes, pois o deslocamento entre os bairros da capital muitas vezes é mais demorado que o trajeto percorrido entre as cidades; principalmente aos que trabalham na região leste e norte da capital, Guarulhos e outras cidades da zona norte e leste da RMSP.

1.1 - Configuração Urbana

O traçado atual das ruas do centro tradicional de Mogi é similar ao do início da formação da vila, as ruas estreitas onde não existia distinção entre circulação de pedestres e veículos, hoje são divididos e disputados centímetros a centímetros pelas calçadas estreitas, estacionamentos a meio fio e leito carroçável.

No início da formação da vila a maior concentração de casas era verificada nos quarteirões próximos ao eixo religioso da cidade. As construções iniciais formavam quase uma linha reta, ligando a igreja do Rosário à igreja Matriz de Santana e ao Convento do Carmo.

Paralelamente a este eixo estendia-se meia dúzia de ruas cortadas e pouco mais de uma dezena de vias perpendiculares, ruas estreitas, porém densamente habitadas.

O quadro urbano do final do século XIX em um memorial²³ sobre o qual se projetava a rede de esgotos, era descrito da seguinte forma:

"A cidade contava com dezesseis ruas e nove largos, além de algumas travessas mas já se sentiam preocupações relativas ao ordenamento do

²³GINBERG, Isaac. Historia de Mogi das Cruzes, Ed. Ex Libris, São Paulo: 2001

núcleo urbano que surgia, como a regulamentação de cemitérios, questões de limpeza pública, de alinhamento de construções, fiscalização de animais soltos nas ruas e de uso indevido do espaço público."²⁴

Lembrando que muitas cidades nessa época buscavam no urbanismo sanitaria soluções para os problemas de saúde pública decorrentes da inexistência ou precariedade na infra-estrutura sanitária.

Os largos e praças faziam parte da cidade que se formava como parte integrante essencial ao cotidiano da vida na cidade, locais de extensão não somente das ações religiosas, mas a divulgação dos acontecimentos, o mercado e o pelourinho também tinham como o palco esses espaços e se faziam público através deles.

A cidade teve a primeira expansão significativa com a instalação da estrada de ferro²⁵ (Cia São Paulo e Rio de Janeiro), inaugurada em 1875, a partir de então o crescimento do tecido urbano se dá ao longo da estrada de ferro.

A estação ferroviária passa a ser o epicentro da vida social e política de todo o fim do século XIX e boa parte do XX, e foi o principal responsável pela dinamização econômica da região.

A praça Sacadura Cabral, que foi o movimentado largo em frente à estação ferroviária, hoje se resume a um remanescente do viário, em forma triangular de menos de 500 m², delimitados por três vias de intenso tráfego.

²⁴ Idem

²⁵ ANPF, Associação Nacional de Preservação Ferroviária. da Companhia São Paulo e Rio de Janeiro que foi depois encampada pela Central do Brasil.

Até a metade do século XX ainda não existia qualquer separação entre o leito carroçável e a calçada, sua delimitação se fazia pelos prédios que a circundavam.

No século XVII, início da formação da Vila de Sant'Anna de Mogy das Cruzes, o percurso até São Paulo era feito a pé ou no lombo dos animais, levando em média quatro dias de caminhada, mais tarde a viagem pelo rio no vapor era de dois dias, com a vinda da estrada de ferro em 1875, o tempo se encurtou para duas horas.²⁶

As referências trazidas pelo caminho de ferro eram da inserção de Mogi das Cruzes na nova ordem brasileira, segundo a qual máquinas e imigrantes encaminhavam para inovações nas relações de produção e conseqüentemente, em todos os aspectos da vida das pessoas.

Inicialmente não havia estações intermediárias entre Mogi e São Paulo, estas foram sendo construídas à medida que se fizessem necessárias com o surgimento de novos núcleos de povoamento.

O processo de ocupação ao longo da ferrovia deu-se inicialmente com a instalação de indústrias imediatamente próximos à ferrovia, pela facilidade no abastecimento de matéria prima e escoamento de produtos.

Próximas a elas se instalavam as vilas operárias, que muitas vezes eram projetadas e construídas juntamente com as essas indústrias, como se vêem ainda no bairro de Jundiapéba e Cesar de Souza remanescentes dessas instalações, hoje em desuso ou precariamente ocupados. O comércio e serviço se instalavam na seqüência, à medida que essas ocupações se consolidavam.

²⁶ GRIMBERG, Isaac. In Almanaque do Alto Tietê, 1998.

Consolidou-se no início do século XX, um tecido longilíneo tendo como eixo o traçado ferroviário.

No início do século XX, do total de 29 mil habitantes (Galvão 1921: 21) 8 mil viviam na cidade em quase 1700 prédios²⁷, na época a cidade ainda era eminentemente rural, pouco mais de 30% da população era urbana.

Entre têxteis e siderúrgicas, que eram as primeiras indústrias que surgiram no início do século XX, destaca-se a siderúrgica Cosim (Companhia Siderúrgica Mogi), instalada em 1944, no início do programa nacional de auto-suficiência em aço, sendo a segunda siderúrgica a entrar em operação no País.

A Cosim foi responsável pelo surgimento do bairro denominado Vila Industrial, em uma extensa área na então periferia mogiana. Dando início à primeira ocupação significativa ao norte da linha ferroviária por moradias destinadas aos operários da fábrica.

A configuração atual da malha urbana reflete os diversos momentos que a cidade atravessou, representados em quadras pequenas de alta densidade no centro tradicional do núcleo colonial; e no final do século XIX aparecem as grandes áreas industriais nas imediações da linha férrea e suas vilas operárias. A chegada das rodovias já na metade do século XX, representada a expansão já não tão linear, surgem vários loteamentos na periferia de quadras e lotes maiores e de ocupações mais rarefeitas.

Mogi das Cruzes teve um grande *boom* de verticalização na última década do século XX, alterando sobremaneira a forma da cidade, com a construção de prédios de apartamento destinados à moradia de classe média e

²⁷ GALVÃO, Mário da Costa. Estudos acadêmicos para defesa de doutoramento no Instituto de Higiene, em São Paulo (hoje USP), com base em pesquisa realizada durante o desenvolvimento de seu trabalho como sanitarista na região de Mogi das Cruzes.

prédios comerciais, em áreas centrais. Além de substituir as residências e o comércio que eram de edificações térreas ou sobrados, a verticalização passou a ser um padrão de ocupação dos poucos terrenos vazios que ainda existiam.

A valorização do centro juntamente com o adensamento das moradias ocorreu paralelamente ao intenso espraiamento das bordas urbanas com o surgimento de novos loteamentos longe do centro destinadas à população de menor renda. Processo comum em várias cidades, resultando em problemas de deslocamentos, alto custo de urbanização das áreas ocupadas, loteamentos clandestinos que ocorrem muitas vezes em áreas de proteção ou restrições ambientais.

O município apresenta o crescimento acelerado na última década, dados do último censo mostram que no período de 1996 a 2000, enquanto o estado de São Paulo apresentou um aumento populacional de 7,7%, a RMSP cresceu 6,93% e o crescimento da sub-região do Alto Tietê foi de 11,3%.

Esse rápido crescimento é um desdobramento, também, da dinâmica da urbanização dispersa²⁸, aumento de mobilidade proporcionado pela construção de modernas rodovias, incentivos fiscais como atrativo para instalação de indústrias e os empreendimentos imobiliários criando novos condomínios horizontais nas proximidades.

O padrão de urbanização articulado ao grande capital imobiliário cria novas espacialidades planejadas, ao mesmo tempo, corre paralelamente nesse processo a criação de espaços marginais criados pelo contingente de excluídos.

²⁸ REIS, Nestor Goulart . Noras Sobre Urbanização Dispersa e Novas Formas de Tecido Urbano. São Paulo: Via das Artes, 2006.

O sistema de espaços livres não viários, resultado dessa dinâmica de produção da cidade é desarticulada; sua existência na maior parte resulta de espaços residuais ou de áreas não edificantes determinados pela legislação de parcelamento do solo. Quando estas são de loteamentos legalmente aprovados, quando são de ocupações irregulares, esses espaços livres sequer existem. Mesmo dentro dos loteamentos legalmente aprovados, normalmente as áreas livres de edificações, resultantes das porcentagens determinadas por leis, e que são destinadas às áreas institucionais ou públicas, são os trechos mais acidentados e menos valorizados comercialmente.

1.2 –O RIO E A SERRA NA CIDADE

Elementos estruturadores dentro do município e presença constante na paisagem esses dois elementos naturais sempre marcaram o crescimento da cidade.

O Rio Tietê foi o elemento condutor dos primeiros exploradores, que através deste se dirigiram sentido leste de Piratininga. Mais tarde a estrada velha que liga São Paulo a Mogi das Cruzes foi construída acompanhando o trajeto do rio pela planície aluvial.

Esquecido em muitos momentos no processo de crescimento da cidade, o Rio retoma sua importância, tendo em toda a faixa meândrica dentro do território urbano uma faixa de preservação ambiental.

O avanço da mancha urbana da RMSP sentido leste se desenhou ao longo desse percurso, hoje essa mancha se apresenta totalmente contínua e tem a cidade de Mogi das Cruzes no extremo leste.

O Rio Tietê, assim como alguns de seus afluentes dentro do limite do município foram ignorados em diversos momentos do crescimento urbano.

Na consolidação da área central, antes da existência de leis que determinavam as bordas livres, os rios e córregos tiveram suas margens

totalmente ocupadas pelas construções, tanto de residências quanto de indústrias.

Indústrias como a Howa Mecânica e Cerâmica Irmãos Pavan²⁹ instaladas entre as décadas de 40 e 50 do século XX, tinham córregos que passavam dentro de suas propriedades, e foram incorporados dentro do complexo industrial, muitas vezes a ligação entre os galpões industriais se dava atravessando as pontes sobre esses córregos.

Em decorrência dessa dinâmica de ocupação, a cidade atualmente enfrenta sazonalmente problemas de enchentes e alagamentos, levando a adotar a construção de estruturas de retenção de cheias, os “piscinões” em vários pontos da cidade.



figura 04
Evite estacionar: Área sujeita a alagamento
Foto: Hijioka, 2007

A Serra do Itapeti marca o norte da área urbana consolidada, além da planície aluvial do Rio Tietê. Divisor das águas do Rio Tietê e Rio Paraíba, assim como o Rio Tietê, corta o município sentido leste oeste ao norte do tecido urbano

²⁹ Indústria Cerâmica dos Irmãos Pavan. Na década de 70 passa a abrigar a Indústria de Velas e Ignições NGK do Brasil, que operou até 2005. A área da Indústria foi doada à Prefeitura em 2007.

consolidado. É o elemento limitador da expansão urbana contínua sentido norte do município.

A porção do território ao norte da serra tem a ocupação recente marcada muito mais pela dinâmica macro-metropolitana e entre as regiões metropolitanas do que pela dinâmica do município em si; proporcionado pelas modernas rodovias que interligam as regiões metropolitanas de São Paulo, Campinas, Baixada Santista e pela Aglomeração Urbana do Vale do Paraíba.

A APA Itapeti, de 352,3 hectares, preserva parte da mata atlântica, mas é predominantemente de mata secundária e reflorestamento.

Abriga em seu interior o Parque Municipal da Serra do Itapeti, administrado pelo município em parceria com diversas universidades como a Universidade de Mogi das Cruzes, Universidade Braz Cubas e a Universidade de São Paulo que desenvolvem pesquisas nos campos da biologia, arqueologia, arquitetura e história. Entre outros resultados das pesquisas em andamento descobriram-se algumas espécies endêmicas de insetos e vegetais, sítios arqueológicos indígenas, antigos cemitérios e ruínas das construções levantadas pelos primeiros ocupantes brancos da região.

Ainda encontram-se em seu interior antigas comunidades que preservam suas formas de vida bastante rudimentares, de agricultura de subsistência e criação de animais. Preservam a cultura oral e religiosidade ao longo do tempo, resistindo á dinâmica capitalista dominante da cidade que fica a poucos quilômetros, são detentoras dos fazeres e saberes pertinentes ao cotidiano de auto-suficiência que foram tecidos e mantidos ao longo do tempo.

O Rio Tietê

Mogi das Cruzes é a terceira cidade cortada pelo Rio Tietê, sua nascente fica no município de Salesópolis que fica a uma distância de 40 km de Mogi das Cruzes, passa por Biritiba Mirim na metade do caminho e chega ainda com água límpidas e piscosas quando adentra os limites do município.

No percurso até o encontro com a área urbana, o Rio corre por vários loteamentos de chácaras em áreas rurais, em sua maioria de empreendimentos imobiliários irregulares com fracionamentos de lotes não condizentes com o que a legislação estabelece. Algumas dessas chácaras mais “nobres” têm os fundos para o rio; foram loteamentos implantados sem aprovações legais, com abertura de ruas precárias sem infra-estrutura, piquetes simples de madeira que demarcam a divisão dos lotes, e em muitos momentos o arruamento termina no barranco do rio.

As chácaras vendidas em estandes à beira de estrada foram muito comuns no início da década de 80. Este processo hoje resulta num passivo ambiental que implicam em Termos de Ajustamento de Conduta (TACs) e outros meios de compensação ambiental que se arrastam por anos e dificilmente caminham para um consenso. Municípios vizinhos como Biritiba Mirim, que tem

mais de 85% da extensão do município como Área de Proteção aos Mananciais (APM), praticamente têm inviabilizado a expansão urbana e o próprio desenvolvimento por não permitir a instalação de indústrias nem mesmo a expansão das áreas de plantio.

As instalações de lazer produzidos oficialmente na cidade eram o campo do União Futebol Clube e Clubes de Malha. O Clube Náutico Mogiano se instalou em meados do século XX nas margens do Rio Tietê, transformando-se na “praia” dos mogianos, com uma infra-estrutura de lazer aquático muito freqüentada.



figura 05
O Rio Tietê em 1951
Fonte: CONPHAP

Teve a primeira piscina (“cocho”) dentro do rio, como parte dos primeiros “equipamentos” instalados no clube. A foto acima fazia parte de uma coleção de cartões postais para promoção de Mogi das Cruzes na década de 50 do século XX. O aproveitamento do Rio como o principal atrativo do Clube pode ser notado com a instalação do trampolim para saltos no trecho côncavo da curva do rio, tirando partido do ponto onde naturalmente é de maior profundidade; e a “prainha” na parte reta do rio.

A expansão da cidade em diversos momentos no passado avançou até as suas margens, a delimitação posterior da Área de Proteção Ambiental (APA) do Rio Tietê inclui essas ocupações, configurando como áreas de passivo ambiental industrial e residencial.

Hoje, com exceção dessas áreas consolidadas, toda a faixa que acompanha o cinturão meândrico do Rio tem uso controlado.

Está previsto ao longo da grande faixa de proteção, correspondente a APA do Tietê, um sistema de parques lineares que consiste em oito parques, sendo duas já implantadas, o Parque da Areia e o Parque da Ilha do Marabá.

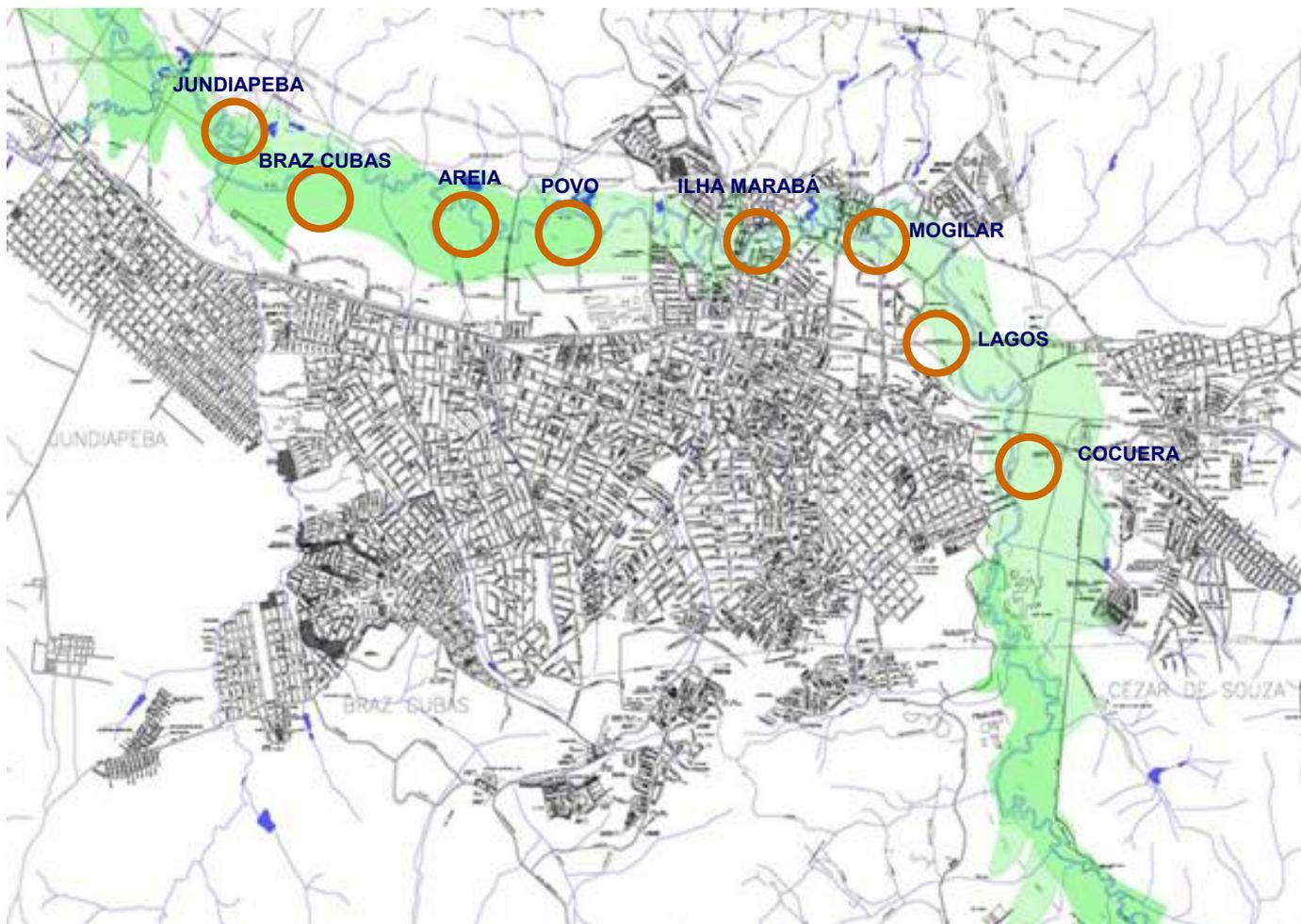


figura 06

Faixa delimitada da APA do Rio Tietê e localização dos Parques
Fonte: Secretaria de Planejamento da PMMC

A delimitação da APA reordena e altera a dinâmica do crescimento tendo retomado a importância do Rio, constituindo-se no primeiro sistema de parques lineares da cidade.

A Serra do Itapeti

O ponto mais alto da serra é a cota de 1151 metros, popularmente conhecido como o “Pico do Urubu”, é acessível por veículos e bastante freqüentado. A vista panorâmica da cidade é apreciada tanto por famílias em tardes de “pick-nicks”, ciclistas e caminhantes solitários, como por desportistas mais radicais que saltam do topo com coloridos paragliders.

A ascensão ao topo tem significados diversos de experiências pessoais; a Serra que participa do cotidiano da cidade como elemento visto, passa a ser nesses momentos o elemento que permite a vista panorâmica de toda a cidade e de cidades vizinhas.

É aventura aos animados grupos, simboliza o melhor lugar para se soltar pipas para as crianças, lugar de apreciação da natureza, o melhor ponto para se ver o por do sol, local para meditação. Cria-se através dessas vivências sensações topofílicas¹ das quais fala Tuan, que consciente ou inconscientemente marcam e criam vínculos com o lugar.

Pode se ver além de toda a cidade, a mancha urbana conurbada a oeste, que se estende até o horizonte entre a névoa cinzenta da poluição da capital, a leste predomina a ondulação verde com esparsas ocupações urbanas. Ao sul após a mancha urbana, predomina uma área de cultivo e por fim avista-se a cumeeira da serra do mar, destacando-se no horizonte a pedra de Boracéia.

A grande escarpa da serra do mar como é vista do litoral, quando vista do planalto apresenta-se como colinas de traçado suave. O verde mais escuro representando a vegetação densa e a constante formação de névoas nas tardes, evidenciam suas características típicas da serra.

A porção norte correspondente ao Vale do Parateí, que ainda é predominantemente de pastagem, tem a paisagem gradativamente alterada e com maior intensidade nos últimos 5 anos com a instalação de indústrias de médio e grande porte; e no extremo nordeste no horizonte avista-se a serra da Mantiqueira.

³⁰ TUAN, Yi-Fu. *Topophilia A Study of Environmental Perception, attitudes, and Values*. New Jersey, Prentice-Hall, Inc., Englewood Cliffs. s/ data.

No processo de verticalização da área central à medida que são construídos os novos prédios, os antigos têm suas vistas e insolação parcialmente prejudicadas muitas vezes reduzidas a uma nesga, mas ainda assim são valorizadas.



figura 07

A Serra do Itapeti

Fonte: Secretaria de Planejamento PMMC

Hoje, a vista para a serra constitui-se como elemento de valorização

para o mercado imobiliário, presente nos *folders* e panfletos dos novos empreendimentos em destaque “Vista para a Serra”; a paisagem como mercadoria.

CAPÍTULO 2

Área Central



figura 08

Vista panorâmica - lado oeste da cidade
Foto: Secretaria de Planejamento PMMC

A área central pode ser inserida num raio de 2km, abrangendo o centro histórico tradicional e a centralidade expandida. Até o início da década de 70 do século passado, toda a atividade comercial e administrativa se distribuía dentro do centro tradicional, a expansão se deu inicialmente com a instalação das universidades e a criação do centro cívico.

A universidade Braz Cubas, fundada em 1965 inicialmente no centro tradicional, constrói um novo *campus* no centro expandido na década seguinte, diversificando seus cursos na área de engenharia mecânica e elétrica com o intuito de atender a crescente demanda das indústrias que se instalavam na região.

O centro tradicional que se consolidou ao longo de quase quatro séculos se expandiu em mais de duas vezes a sua área com a construção do centro expandido. Em pouco menos de duas décadas, grandes glebas foram sucessivamente ocupadas, abrigando inicialmente as novas funções administrativas e comerciais próximo às universidades e em seguida outras glebas adjacentes foram sendo ocupadas por edifícios de uso residencial.

Figura 09 Área central raio 2 km

Além da diferença nas dimensões das quadras, conflitos morfológicos são sentidos tanto na forma de ocupação, quanto no viário, a exemplo da Rua Olegário Paiva, que no trecho que passa pelo centro cívico tem três pistas em cada sentido com um canteiro central e se estreita para 4 metros, abruptamente, retomando o traçado original na extensão que faz parte do centro tradicional.

Este contraste pode ser observado também nas medidas dos lotes, lembrando que os primeiros “chãos e quintais” eram em braças e estas foram sendo divididas no decorrer do tempo tendo propriedades com testada de menos de três metros; enquanto que nas novas glebas os lotes são maiores em torno de 50 metros.

Na leitura desse tecido, a alta densidade do conjunto construído que constitui a malha do centro tradicional reflete inversamente nos novos espaços ocupados no centro cívico, enquanto a média da taxa de ocupação é de mais de 80% no centro tradicional, no centro cívico essa taxa é de 20%.

A alta taxa de ocupação do centro tradicional é decorrente da ocupação típica do período colonial: “casas térreas e sobrados construídos sobre alinhamento das vias públicas e sobre os limites laterais dos terrenos”....“não havia meio termo; as casas eram urbanas ou rurais, não se concebendo casas urbanas e com jardins. De fato, os jardins, como os entendemos hoje, são complementos relativamente recentes, pois foram introduzidos nas residências brasileiras durante o século XIX”³¹.

As áreas livres, correspondentes aos quintais nos fundos dos terrenos, aos poucos foram sendo ocupadas pelas ampliações das construções,

³¹Op cit. REIS Filho, Nestor Goulart. Espaço Livre – Objeto de Trabalho in Magnolli, Miranda Martinelli. Paisagem e Ambiente: ensaios. Especial Miranda Magnolli. n.21. 2006

atualmente esses espaços livres se resumem basicamente aos poços e corredores de iluminação e ventilação.

Somente nos últimos anos do século XIX e início do XX as edificações viriam aos poucos a isolar o volume edificado no lote. Essa configuração pode ser vista no raio de expansão que sucede ao centro tradicional consolidado, conduzido pelo prolongamento das primeiras ruas traçadas, os novos terrenos eram ocupados pelas chácaras e sobrados isolados dos limites do terreno.

A nova centralidade apresenta a construção de largas avenidas, córregos canalizados, canteiros ao longo do viário, recuos generosos com tratamento vegetal, reflexos de uma visão progressista e funcional da urbanização.

Ainda que muitas das cidades já apresentassem problemas decorrentes do planejamento físico-territorial, desmascarada pela complexidade, imprevisibilidade e acumulação cultural que foram deixados para trás, os preceitos do urbanismo moderno simbolizavam um avanço para a cidade da época.

A área do centro cívico concentra as funções administrativas como a prefeitura, câmara, delegacia seccional da polícia militar, corpo de bombeiros, casa da agricultura, justiça do trabalho, fórum, edifício do INSS, casa do advogado além de ser previsto para construção um centro cultural. Ocupa uma quadra com área de quase 125 mil metros quadrados, o que corresponde a vinte vezes a média das quadras do centro tradicional, que têm em média seis mil metros quadrados.

As duas malhas são separadas através de largas avenidas com três pistas para cada sentido separado por um canteiro central arborizado, remetendo à idéia de que o antigo e o novo fizessem parte de dois universos distintos.

A cidade apresenta um centro histórico relativamente desconfigurado, com um sistema de espaços livres públicos associados às igrejas. Dessas igrejas a da Ordem Terceira do Carmo, do séc. XVII, é tombada pelo Condephaat, seu entorno, que deveria ser preservado, também vem sofrendo alterações gradativas, resultados tanto da inobservância e efetiva falta de fiscalização por parte dos órgãos gestores como pela driblagem das leis por parte dos proprietários dos imóveis. Hoje o entorno descaracterizado vem isolando o objeto tombado de todo o contexto.

O centro tradicional ainda é o principal local de comércio e serviços que atende a população, mesmo com o surgimento do *shopping-center* e grandes redes de supermercados; até o final da década de 70 do século XX, era o único local do comércio e serviços da cidade, concentrando na região bancos, supermercados escolas e escritórios.

A década de 70 corresponde ao início da descentralização das funções administrativas e comerciais da área central, correspondendo também ao período de maior expansão urbana da cidade, com o surgimento de novos bairros residenciais ocupando antigas fazendas e grandes áreas situadas nas imediações, como a o bairro da Estância dos Reis, de classe média alta, Vila Lavínia e Bairro do Mogilar de classe média.

Bairros mais distantes como de Jundiapéba e Santo Ângelo, destinado a população de baixa renda, consolidaram em uma área de baixada, Jundiapéba

fica na porção oeste do município beirando a ferrovia, numa área limítrofe com o município de Suzano, e Santo Ângelo no extremo sul do município.

O preenchimento do espaço entre o centro e o Bairro de Jundiapéba, transformando em uma malha contínua, se deu ao longo de 15 anos, basicamente com as melhorias do sistema viário e instalação de indústrias e comércio ao longo das vias e paralelas a essas vias os bairros residenciais.

2.1 Centro Tradicional

O sistema de espaços livres do centro histórico apresenta o traçado originário da cidade colonial, casas térreas ou no máximo assobradadas com portas e janelas voltadas diretamente para as ruas³², o traçado inalterado das ruas e terrenos abriga hoje uma densidade muito maior. Conserva ainda entre os novos edifícios algumas casas do período colonial e muitas do início do século, porém a densidade ocupacional vem sendo exponencialmente alterada com a intensa verticalização.

Equipamentos urbanos como lixeiras, postes de iluminação e sinalização são verdadeiros obstáculos nas calçadas estreitas de em média 90cm.

A área do centro tradicional objeto de estudo, onde se concentra o comércio de maior movimento corresponde a 25 quadras. Dentro desse perímetro existem quatro praças e um largo; quatro desses espaços correspondentes ao adro das igrejas e uma praça que originalmente foi concebida como passeio

³² Tipicamente do início do período colonial, mais tarde com as posturas municipais prevendo o alargamento das ruas passou-se a exigir o recuo mínimo.

público. Os espaços livres do centro tradicional apresentam grande intensidade e diversidade nas formas de apropriação.

São os espaços livres que nasceram juntamente com as primeiras ocupações, as mais antigas como o Largo da Matriz, que mais tarde passou a se chamar Praça Cel. Almeida, tem quase 400 anos.

Dessas cinco, três delas se comunicam através de calçadões criados no início da década de 80, esse sistema integrado destinado ao pedestre configura-se como o local de maior movimento da cidade, onde se concentram as grandes redes de lojas de eletrodoméstico, móveis, vestuário em geral e alguns de serviços como financeiras e consultórios.

O calçadão do traçado norte-sul é trecho da Rua Dr. Deodato Wertheimer, liga duas praças: a Praça Oswaldo Cruz e o Largo do Rosário. Na década de 70 sofreu uma grande mudança das funções das edificações que estavam no entorno, passando a ser eminentemente comercial, foram se instalando o comércio mais expressivo da época, e teve um crescimento maior ainda na primeira metade da década de 80. No final da década de 80, com a construção do *shopping center* na cidade, o comércio elitizado passou a ceder lugar ao comércio popular.

O Largo do Rosário é conectado à praça da Matriz através de um outro calçadão correspondente à Rua Dr. Paulo Frontim, é perpendicular ao calçadão da Rua Dr. Deodato Wertheimer e o ponto de articulação dessas duas retas é o Largo do Rosário. Juntos formam um “L” com praças em suas extremidades.

São chamados calçadões por terem prioridade de acesso ao pedestre; sem alteração física no traçado da rua mudou apenas a forma de uso, o acesso

de veículos é permitido para carga e descarga em horários pré-determinados e o acesso ao estacionamento de poucos veículos ao hotel em frente ao Largo do Rosário é livre.

figura 10

Praça Oswaldo Cruz, Largo do Rosário e Praça Cel. Almeida
edição: Hijioka, 2006 – base: PMMC – Secretaria de Planejamento

A área central é formada por quarteirões pequenos de alta densidade ocupacional, ruas e calçadas estreitas; conseqüentemente as praças e largos que fazem parte desse tecido de textura densa, mesmo sendo de dimensões reduzidas configuram-se como preciosos espaços que compõem o sistema de espaços livres.

Em dias de grande movimento como nos sábados e vésperas de datas comemorativas, o andar pelo centro se torna uma empreitada que exige uma imensa disposição. No entanto, a atração que o centro exerce não se explica somente pela diversidade do comércio existente, abriga em seus limitados espaços livres a diversidade das apropriações; convivem no mesmo espaço diversas comunidades, palco de transgressões, solidariedades e cumplicidades.

As apropriações desses espaços alternam conforme horário do dia ou época do ano; limitados enquanto área, porém fluidas nas fronteiras.

Ainda que o planejamento urbano, policiamento, sinalização, zoneamento, estabeleçam o suposto controle; pode-se ler nesses espaços territorialidades efêmeras, onde tudo se põe em relação, formam-se sociabilidades e significações particulares.

Essa leitura se faz através da análise de cada uma dessas praças e largos, buscando entender as transformações tanto no sistema de objetos como no sistema de ações.

Praça Coronel Almeida (Praça da Matriz)

A capela de invocação a Santa Ana que foi erguida nos primeiros tempos do povoado é o marco zero da cidade. As primeiras ruas surgiram a partir do adro da Igreja de Santa Ana, os terrenos eram ocupados gradativamente partindo da igreja, à medida que se fazia necessário eram abertas outras ruas.

Existe um registro datado de 1611, que relata a existência de um “forno de fazer telhas”, o que indica o potencial que a vila tinha de crescimento, na vila de Piratininga o primeiro oleiro data de 1575, “a fazer a telha para se cobrirem as moradas da vila, por ser coisa para enobrecimento dela e ser muito necessário...” (Campos, 1978).

Esse potencial de povoamento da vila se dava pelos colonos vindos de Piratininga que pediam chãos para casas e quintais. Os cuidados que a Câmara tomou de abrir as ruas estabelecendo a ordenação no traçado das vias, foram para que não ocorresse a ocupação desordenada e conseqüente irregularidade.

O traçado retilíneo marca o início da formação da cidade, todo o centro tradicional apresenta hoje a ordenação originalmente estabelecida. A sinuosidade no traçado passa a ser notado à medida que a cidade avança para áreas de topografia mais acidentadas e nos antigos caminhos que conduziam à zona rural que mais tarde foram incorporados no traçado urbano com poucas retificações.

A praça da Matriz, como hoje é conhecida, era o principal local público comum da vila, na ata de dois de dezembro de 1622, na qual é registrado:

“... que se juntassem os moradores desta villa cinco dias antes da festa do Natal nesta villa pêra, de mão comum, alimparem a Praça e rua dessa villa...”³³

A “mão comum”, significava o trabalho comunitário contando com a participação voluntária dos moradores.



figura 11

O Largo e Igreja Matriz: Thomas Ender, 1817
Fonte: CONPHAP

Reformada e modificada ao longo do tempo, da pequena capela à atual Igreja Matriz, a característica que atualmente apresenta é da última reforma ao

estilo neoclássico, quando foi totalmente demolida e construída em meados do século passado ocupando toda a quadra.

O espaço do adro também sofreu inúmeras reformas, ocorreram transformações quanto à identidade também, do espaço sagrado ao cívico. O Largo da Matriz que nasceu do sagrado, com o advento da república recebe um obelisco comemorativo da fundação da cidade em 1935, e passa a se chamar Praça Cel. Almeida.

Atualmente a praça tem uma identidade híbrida, abrigando no seu interior símbolos religiosos e civis, o obelisco ocupa o centro da praça com datas da fundação da cidade e nome dos fundadores e no chão há uma cruz, fazendo o desenho no piso que se estende em toda a parte central elevada.

Seu espaço ainda abriga as festas religiosas como era no princípio, mas sua função se multiplica, adaptando às necessidades de hoje. Teve a sua face sul parcialmente recuada para permitir a parada de ônibus, diminuindo ainda mais a sua exígua extensão. Nesta mesma face estão dispostos os abrigos do ponto de ônibus com bancos. Equipamentos como telefone público, luminárias de desenho moderno, lixeiras de coleta seletiva e floreiras que estão ordenados nas laterais deixando aberta a área central.

Figura 112
Objetos e ações – Praça Coronel Almeida
Desenho: Hijioka e Miwa, 2007 – base: PMMC, 2006

O piso elevado na área central tem a altura de um degrau que não chega a ser um obstáculo para os transeuntes, tem-se acesso também por meio de rampas dispostas nas quatro extremidades.

Toda a porção elevada tem o piso em granito flameado³⁴ em duas cores desenhando uma grande cruz assimétrica, esse espaço vira altar em dias de festa religiosa, como na festa do Divino³⁵. O restante da área é de mosaico português. Essa diferenciação no revestimento do piso elevado foi notada do por alguns meninos e umas poucas meninas que prontamente se apropriaram com seus *skates*.

Apresenta no lado oposto à igreja a escola Coronel Almeida, construída em 1897; foi o primeiro grupo escolar de Mogi das Cruzes, inicialmente estudavam-se os quatro anos do curso primário, depois era preciso ir para a capital ou cidades do interior mais privilegiadas. Somente em 1935 que o município ganhou o primeiro Ginásio do Estado³⁶. Mesmo em São Paulo, os ginásios do Estado eram raros e altamente seletivos, muitas famílias abastadas matriculavam seus filhos em internatos particulares³⁷.

O desenho contemporâneo de linhas retas e limpas, adotadas na última reforma em 2003, contribuiu para um melhor aproveitamento, acolhendo as diferentes formas de uso que o espaço pedia. O traçado das floreiras que cercam as árvores mostra que foram projetadas pensando no fluxo predominante do local,

³⁴ Tratamento de choque térmico aplicado à placa de granito, um maçarico queima a superfície da pedra e na seqüência sofre o choque através de jato de água. Esse processo deixa a superfície lascada uniformemente, sem alteração em sua cor natural.

³⁵ A Festa mais tradicional da cidade, com mais de 300 anos de tradição.

³⁶ GRINBERG, Isaac. *Mogi das Cruzes de Meu Tempo*.

³⁷ Jurandyr Ferraz de Campos e Ivone Marque Dias. *Historiadores mogianos*.

ao mesmo tempo servem de suporte para os bancos metálicos que são muito utilizados.



figura 13

O monumento à fundação da cidade e uma tenda da campanha de saúde Permanência e transitoriedade.

Foto: Hijioka, 2006

A relação da praça com seu entorno de construções ainda baixas, com no máximo quatro andares, faz das duas principais construções, a igreja e a escola, os protagonistas desse espaço.

Os dois prédios ficam frente a frente tendo a praça no meio, a integração da praça com o prédio da escola é maior; mesmo tendo uma cerca de grades delimitando o espaço da escola. Esta leitura se faz pela continuidade do piso no mesmo nível, enquanto que entre a igreja e a praça existe uma rua,

calçadas, guias, ponto de táxi recuado na face que dá para a fachada da igreja e principalmente o tráfego de veículos.

O desenho da face sul repete na face norte voltado para o calçadão, acrescida por uma banca de revistas e coincide com o trecho final do calçadão. É este lado da praça o ponto de encontro dos aposentados que diariamente concentram-se volta da banca de revistas, passam horas nos bancos sombreados conversando e vendo o movimento da praça.

O “estado de praça”³⁸ se instaura nesses momentos, quando as práticas espaciais da esfera de vida pública se estabelecem. É sentido intensamente nessa área, fluindo tanto no espaço público que é a praça e o calçadão quanto nos espaços privados chegando dentro da padaria e da banca de revistas.

Os aposentados são freqüentadores assíduos deste lado; constituídos por moradores da região central, fazem da praça, mais especificamente ao redor da banca, o lugar do encontro cotidiano, informam-se em primeira mão sobre as notícias do dia através dos jornais pendurados do lado externo da banca. Segundo o dono da banca, têm como rotina o encontro diário que começa por volta das nove da manhã, retornam para suas casas no horário de almoço e se encontram novamente à tarde.

Essa “pracialidade”³⁹ é sentida com maior intensidade no lado norte, um conjunto de fatores como o calçadão, a banca, ausência de veículos, bancos,

³⁸QUEIROGA, Eugenio F. Praças e pracialidades em design: da visualidade da paisagem à visibilidade dos lugares.

³⁹ “Pracialidade” entendida como um “estado de praça”, um sistema de ações peculiar à esfera de vida pública, o convívio e o encontro públicos, próprios das praças enquanto categoria típica de espaço livre público voltado à esfera pública.

sombra, a padaria em frente, contribui para potencializar a apropriação do espaço.

O lado sul é de movimento intenso, um vai-e-vem de pessoas que andam apressadamente para não perder o ônibus; a rotatividade nos bancos é alta, são estudantes, trabalhadores, que denotam compromissos e horários a cumprir. Já o lado norte predomina o estar, o movimento é mais lento, de descontração e tranquilidade.

Simetria no desenho e assimetria na dinâmica, contraste nas apropriações, sentidas como se o tempo operasse de forma diferente nos dois lados do mesmo espaço.

Praça João Pessoa (Lago do Rosário)

O largo do Rosário foi o adro correspondente à igreja da Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, cujo espaço é ocupado, atualmente pelo hotel. O Largo possui seu perímetro delimitado pelas construções do entorno.

Ao longo de sua existência sofreu inúmeras reformas, do largo de chão batido, no final da década de 20 do século XX, recebe quatro pequenos canteiros, uma em cada extremidade do quadrado. O espaço para circulação de veículos que começava a fazer parte do transporte da cidade, ganha a porção mais generosa do espaço.

Mais tarde no final da década de 60, os canteiros são removidos e o Largo ganha uma grande fonte luminosa no centro e todo o restante da área se torna o leito carroçável ampliando ainda mais a área destinada aos automóveis. Mesmo com a distinção entre as calçadas e o leito carroçável, a pouca frequência e a baixa velocidade, permitiam compartilhar e conviver automóveis e pedestres em toda a extensão.

O espaço de convergência que possibilitava maior aglomeração na cidade, era local das comemorações das vitórias e conquistas, dos acontecimentos mais importantes.



figura 14
"Praça da Fonte"
Fonte: Acervo CONPHAP

O Largo do Rosário passou a se chama Praça João Pessoa, mas poucos o conhecem por esse nome. A identificação se dá não pelo nome que se lê na placa, mas decorre da experiência, do processo vivido e marcado; para os que tem mais passado com referências na cidade, é conhecido como o Largo do Rosário ou Praça da Fonte. Já os que não têm passado na cidade, que vieram de outras regiões, o conhecem como a da "Praça da Marisa".

Provavelmente para uma criança seria a praça dos pombos, ou do sino; na medida em que o tempo de uma criança pequena não é igual ao de um adulto, tampouco é igual sua experiência de lugar.

Processos particulares constroem a identidade com o espaço, e à medida que se torna inteiramente familiar, torna-se lugar. O fato marcante vivido

cria o vínculo com o espaço, manifestações afetivas com o lugar⁴⁰ permanecem inalteradas mesmo com as alterações físicas decorrentes da urbanização.



figura 15

Igreja do Rosário e o Largo
Ao fundo a esquerda as copas das árvores da Praça Oswaldo Cruz
Acervo: Conphap (Gogelis, 1949)

Dentre as várias alterações a mais significativa foi a demolição da Igreja do Rosário para a construção do Hotel Binder, que já foi o maior hotel da cidade, hoje com o surgimento de grandes redes hoteleiras modernas que totalizam 17 estabelecimentos, já não é a opção mais procurada pelos hóspedes.

As grandes redes varejistas de venda de vestuário como Lojas Marisa, Riachuelo, Casas Pernambucanas, intercalados por outras de pequeno porte convivem no Largo do Rosário, oferecendo opções de tradição e modernidade correspondendo à diversidade do público.

⁴⁰ TUAN, Yi-Fu. Topophilia – A study of environmental perception, attitudes, and values. Prentice-Hall, New Jersey. s/ data.

Massificação e capitalismo imperando rapidamente; o pequeno público leal que ainda prima pela tradição vem perdendo espaço na balança entre os valores tradicionais e os valores essencialmente capitalistas.

Poucos ainda resistem no pequeno comércio que atendem a clientela que fora conquistada ao longo do tempo; atendendo pelo nome os clientes e os reconhecendo nas ruas; contrastando com os grandes estabelecimentos, com um batalhão de vendedores treinados a captar consumidores, onde pessoas viram números.

O perfil do comércio local foi se transformando, na década de 70 do século passado, ainda havia um número significativo de residências no centro, mas nos anos 80 passou a ser eminentemente comercial.

A primeira metade da década de 80 foi o período de grandes transformações, ao longo das duas ruas que hoje são calçadas. Foram se instalando o comércio mais significativo da cidade, as melhores e mais caras lojas de vestuários, calçados, relojoarias e joalherias, freqüentados pela parcela mais abastada da sociedade.

O Hotel Binder que ocupa o espaço onde havia a Igreja tem nos seus três primeiros pavimentos a galeria, lembrando as galerias da área central da capital, de colunas circulares, o espaço privado aberto ao público, permitindo acesso livre pelo seu interior, o corpo vertical de maior volume recuado do alinhamento da rua, aberturas no interior da galeria que permitem iluminação natural.

Eram ocupados nos anos 80 pelas butiques, lojas de presentes, jóias, consultórios, escritórios e salões mais badalados; freqüentados pela *“high society”*

mogiana; possuía até um piano bar e era a opção das mais “chics” que a cidade tinha para os finais de expediente, local dos acontecimentos sociais, registrados pela coluna social dos jornais locais.

No final da década de 80, com o surgimento do *Shopping Center*, houve o deslocamento dessas lojas, e o local passou a ser ocupado pelo comércio popular, as lojas do pavimento térreo da galeria hoje são ocupados por lojas do tipo “um e noventa e nove”.⁴¹

O Largo não tem em seu perímetro a circulação de veículos, distinguindo das demais praças da cidade, a ausência de veículos confere ao local maior tranquilidade. Seus poucos bancos dispostos nas laterais são bastante disputados, a praça tem a função de respiro, local de alívio da tensão e pressão exercida pela sensação de apinhamento ao trafegar no meio de pessoas e veículos pelas ruas estreitas nas adjacências.

Essa tranquilidade é traduzida de várias formas, pela maior liberdade, as crianças podem correr livremente sem se preocupar com carros, a ausência no entorno imediato de veículos proporciona maior qualidade sonora, a proporção do aberto e altura do entorno não são claustrofóbicos nem agorafóbicos.⁴²

Bancos sombreados pelas árvores nas laterais são locais privilegiados para o descanso e vista do movimento de pessoas. Uma vez que o grande fluxo de circulação desenha um “T”; são criadas zonas de estar nas duas laterais do

⁴¹ Surgiu no final dos anos 80, com a abertura das importações, muitos produtos chineses de custo reduzido se torna acessível, foram se espalhando as “lojas um e noventa e nove”, que simboliza o comércio mais popular.

⁴² Segundo Ashihara: A proporção da extensão horizontal (D) com a vertical (H), quando ultrapassa $D > 4H$ torna proporções agorafóbicos; $D/H=1$ alcança o equilíbrio, quando $D/H < 1$ reforça a interação que opera entre os edifícios, e experimenta a sensação de estar aprisionado, a impressão de claustrofobia aumentará conforme a relação D/H diminui ainda mais.

quadrilátero, essa sensação é reforçada pela parede cega que forma o pano de fundo dessas zonas abrigadas.

Continua sendo o centro das divulgações dos mais variados acontecimentos da cidade, de anúncios de bingo das igrejas, dos clubes, da APAE, e outras entidades com fins filantrópicos. Prêmios como carros, motos, bicicletas ficam enfeitados e expostos chamando a atenção de todos.

Em maio de 2006, num sábado, quando o plano diretor participativo estava sendo amplamente divulgado, foi o palco de palestras explicativas, intercaladas por animadas apresentações dos grupos de viola de Taubaté. Funcionários da prefeitura, da secretaria de planejamento, trabalhavam distribuindo panfletos e entrevistando pessoas. Não foi o único meio, obviamente ocorreram reuniões e audiências em todos os bairros, mas foi uma das maneiras de reforçar a mensagem, difundir e esclarecer. Chamando a participação do povo, no dia de maior movimento, procurando atingir os que durante a semana no seu cotidiano apurado não se atentaram para o fato.

Como na ágora ateniense; cidadãos discutindo os rumos para a construção do ideal da *polis*, exercendo sua cidadania, afirmando a praça como verdadeiro local da esfera de vida pública.

Figura 16
Objetos e ações – Praça João Pessoa
Desenho: Hijjoka e Miwa, 2007 – Base: PMMC

Nos finais de semana, o espaço vira local de apresentação dos grupos artísticos musicais tanto da cidade quanto vindos de fora. Recentemente (Maio de 2007) um grupo artístico da capital⁴³ se apresentou utilizando-se da rampa como palco, uma pequena multidão se formava inicialmente como espectadores, mas no decorrer da apresentação algumas crianças foram chamadas a entrarem na roda, depois os adultos. Desconhecidos de mão dadas em roda dançando e cantando na praça, surpresa aos transeuntes, pois os espectadores não sabiam de antemão sobre a programação, os que passavam pelo Largo foram surpreendidos pelo agradável evento.



figura 17
Cantando e dançando na Praça da Marisa
Foto: Hijioka, 2007

⁴³ Grupo Babado de Chita – Pra todo mundo dançar. Dança, música e pesquisa cênica popular. Nasceu em 2002, inspirado pela dança, música e pela arte popular em geral. Dedicar-se às pesquisas de algumas dessas manifestações, transmitindo ao público a verdadeira essência, a brincadeira.

No final da apresentação, o grupo agradeceu e falou que há muito não se apresentava assim na rua, enfatizou que a energia proporcionada nesse tipo de apresentação⁴⁴ é muito diferente das apresentadas em eventos programados e divulgados com antecedência, aonde o público vai ao determinado local com a intenção de assisti-los. O largo retoma nesses momentos a essência da praça como na medievalidade, do lugar de apresentação dos espetáculos ao ar livre.

Apropriações ora com maior intensidade ora menos, mas sempre acontecem. Durante a noite alguns lumpens se abrigam na pequena marquise que se forma na rampa do palco. Ainda de madrugada, grupos de senhoras chegam diariamente às 5:30 para o “rádio taisô” (fitas ou CDs, orientação das seqüências de exercícios com fundo musical)⁴⁵, a maioria composta de orientais, é tradição da praça há mais de 25 anos. Essa apropriação não mudou ao longo do tempo, enquanto o espaço nesse período foi objeto de quatro reformas.



figura 18
Rotina diária: ginástica e limpeza

⁴⁴ São apresentações programadas pela Secretaria de Cultura da Prefeitura, que oferece o espaço, os grupos se inscrevem. Não há ingressos ou divulgação prévia para o público, realizam-se aos sábados no horário das 10:00 às 13:00 horas. Os grupos não recebem “cachê”, apenas um valor simbólico para despesas de transporte e alimentação é oferecido.

⁴⁵ Originalmente foi difundido através da rádio no Japão. A partir de então faz parte do exercício diário nas escolas, em empresas adota se como exercício laboral com algumas variações, mas o trata se de uma linguagem comum a todos os japoneses.

Foto: A. Hijioka – junho/2006

Às 6:00 horas entra o carro pipa e funcionários da empresa da limpeza, faz a lavagem da praça, operação que leva uns 20 minutos, logo em seguida já começam a trafegar no local alguns trabalhadores passando apressadamente rumo à estação de trem ou pontos de ônibus. Às 7:00 horas o café já abre suas portas exalando o aroma matinal, mais pessoas vem chegando, os lojistas e funcionários abrem suas lojas para limpeza e arrumação para mais um dia de movimento.

O largo se apresenta no centro do eixo de maior movimento, dentre as três praças do sistema é a segunda de menor dimensão, tem a área de 1858,20 m2, quase um “*vest pocket park*”⁴⁶, no entanto a sensação que se tem é de que é maior do que parece.



figura 19
Parley Park – Vest Pocket Park

⁴⁶ Localizada em Nova York, Parley Park criado por Zion e Breene Associates para a fundação William S. Parley é exemplo de espaço de apropriação pública de administração privada. Chamada de Vest Pocket Park pela dimensão bastante reduzida de 1483.44 m2 (4200 square foot). Apesar da pequena dimensão é sucesso de crítica e público, a estreita relação com a rua proporcionada pela abertura na sua menor dimensão voltada para a calçada. Toda a área do Park é elevada, o acesso se dá pelos degraus ou rampas laterais, no seu interior possui cadeiras e mesas móveis que permite agrupar, isolar, posicionar livremente dentro do espaço. Uma queda d'água, com vazão de 6480 litros por minuto (1800 gallon per minute) na parede oposta à entrada forma um ponto focal dramático, tem efeito de abafar o som da cidade. Possui sombras e luzes em doses adequadas proporcionadas pelas 17 árvores de porte médio.

Fonte: acervo PPS Org. (Project for Public Space)

Tuan fala da espacialidade⁴⁷ que está intimamente ligada com a sensação de estar livre. Isso se torna ainda mais evidente ao percorrer as estreitas ruas e calçadas das quadras lindas, onde se vê grupos de pessoas andando em fila indiana, calçadas de 90cm com postes, lixeiras, placas e outros equipamentos impedem o caminhar lado a lado. É comum ver o líder da fila, voltando-se para trás checando se os demais estão seguindo com segurança, uma verdadeira aventura urbana.



figura 20

Calçadas e ruas estreitas.

Foto: Secretaria de Planejamento PMMC.

A despeito desse sistema de objetos aparentemente caótico, a inércia exercida por esses espaços não pode ser explicada apenas pela presença do comércio; existe uma multiplicidade de significados, intrincados e tecidos no tempo.

É pelo contraste que este espaço se faz maior, e pela apropriação se faz do Largo o lugar de maior “pracialidade” da cidade.

⁴⁷ Tuan coloca espacialidade e apinhamento como sentimentos antitéticos. Nem sempre o espaço amplo é experienciado como espacialidade, e a alta densidade necessariamente não significa apinhamento. No ato de locomover-se, o espaço e seus atributos são experimentados diretamente e são as seqüências de percepções que passam a compor o conhecimento do espaço ao longo de deslocamento.

Praça Oswaldo Cruz

Foi concebida em 1913 como jardim público; em uma área triangular remanescente das quadras traçadas, foi agregada parte da chácara do Barão de Jaceguai para obter a forma retangular.

Era a primeira praça-jardim⁴⁸ da cidade sem o vínculo sagrado. Originalmente era cercada por uma mureta em todo seu perímetro e os acessos localizados nas quatro extremidades, e outras quatro na metade dos vértices que compunham o retângulo. Nota-se na foto da época o traçado sinuoso dos canteiros, plantio assimétrico das árvores remetendo ainda que de forma bastante incipiente aos jardins ingleses urbanos.

Possuía ainda um coreto na parte central com grades do guarda-corpo e corrimão ao estilo *art-nouveau*, onde se realizavam tradicionais retretas era ainda o lugar dos saudosos carnavais de rua. Foi local de *footing*, bastante freqüentado pela pequena burguesia que aqui surgia no início do século.

A Praça ajardinada era equipada, pavimentada e tratada com esmero para abrigar todas as novas modalidades de vida urbana que se estruturava, tornando-se um ícone social do espaço urbano. (MACEDO, 2003)

⁴⁸ Tipicamente brasileira, diante da impossibilidade de adotar padrões europeus, (amplos jardins públicos) criou-se através de um processo sincrético no momento do ecletismo uma praça tipicamente brasileira.

Tinha a vegetação bastante variada, a porção arbórea era composta de coníferas, palmeiras e paus-ferros; misturadas ainda à fênix e guapuruvus.

A praça era conhecida simplesmente como o “Jardim” da cidade, o seu entorno se adequava à natureza da praça. Instalavam se nas imediações os estabelecimentos comerciais e de serviços diverso. Chegou a ter no seu entorno dois dos cinco cinemas da cidade, o Cine Rio Branco na face oeste e o Cine Odeon na face norte, esta última funcionou até meados da década de 80.



figura 21

O “Jardim” à direita, ao fundo a Igreja do Rosário
Foto: acervo CONPHAP

Sofreu inúmeras reformas ao longo de sua existência, a primeira significativa delas foi logo após a segunda guerra mundial em 1945.

A praça perde o antigo “murinho”, abrindo-se para as ruas, os acessos são ampliados, o coreto é substituído por uma “moderna” pérgula e ganha um Monumento ao Pracinha.

As transformações buscavam tardiamente o estilo neoclássico, que era adotado em diversas cidades na década anterior e “predominava como o mais expressivo padrão paisagístico no Brasil daquela época”⁴⁹.

Mesmo mantendo grande parte das árvores existentes, o novo desenho de retas e simetrias eliminava parte da fluidez e descontração que tinham as alamedas internas, passando a expressar uma certa disciplina, mais uma vez as afirmações cívicas eram expressas no espaço público.

A porção arbórea foi mantida mas a vegetação arbustiva perde grande parte das variedades, substituídas por topiarias caprichosamente podadas.

O espaço público refletia o contexto social, econômico e político que a cidade atravessava; perde o ar romântico e espontâneo e ganha uma certa sisudez com essas alterações; a fluidez e espontaneidade que o desenho representava era substituído pela ordem e controle.

Ainda que o sistema de objetos tenha se transformado o sistema de ações nela operados continuavam, as retretas, os carnavais, os passeios após o cinema e os *footings* nas tardes.

⁴⁹ MACEDO, Silvio Soares; Praças Brasileiras; Quapá – Edusp, Imprensa Oficial, 2003.



figura 22
Jardim Público de Mogi em 1935
acervo: CONPHAP

De maior dimensão entre as cinco praças e largos estudados aqui, mede 4.537,27 m², que corresponderia a pouco menos de 20 % da área com tratamento de jardim da Praça da Republica em São Paulo.

Ao longo de outras reformas e o deslocamento gradativo da elite mogiana para os novos bairros, a praça foi se popularizando, chegou a abrigar um aviário na década de 70, bastante popular, mas polêmico. Aves diversas, como tucanos, araras, maritacas, patos até pavões e emas eram expostos em viveiros. Pequenos animais como coelhos e tartarugas, que ficavam em pequenos lagos também fazia parte da lista.

Havia também um bicho preguiça que vivia solto entre as árvores se tornando o “personagem” mais popular entre os animais. Quando avistada por entre as copas das árvores, era motivo de pequenas aglomerações e alegria da criançada e dos adultos.

É a praça com maior e mais expressiva arborização do centro, com paus-ferro seculares, a falsa seringueira que fica na esquina da Rua Barão de Jaceguai com a Rua Deodato Wertheimer, estas com o tronco com diâmetro superiores a um metro; em sua base foi construído um palco, o grosso tronco faz o fundo e a densa copa forma uma cobertura.

Hoje praticamente toda a área da praça é sombreada por copas altas, o verde aéreo é muito maior que a área com tratamento vegetal do chão. Sua extensão é toda em mosaico português. Possui equipamentos como sanitários, estacionamento para bicicletas (bastante utilizados pelos trabalhadores que utilizam o trem); bancas de revistas, bancos, lixos, telefones públicos e posto da policia militar, o que contribuiu para dar maior segurança no local. Por estar situado nas proximidades da estação ferroviária e ter em duas das quatro faces paradas de ônibus, tem apropriação intensa dos não moradores locais.

Na última reforma em 2003, que se deu juntamente com as outras praças da área central; foi consumida parte da área sul da praça para o alargamento do leito carroçável destinado ao corredor de parada de ônibus que melhorou muito o tráfego local. Proporcionou visibilidade maior, ampliou área de circulação, e a superfície que nos primórdios era em sua maior parte de tratamento vegetal, com os caminhos traçados cortando os canteiros, foi gradativamente se invertendo. A área de circulação foi tomando cada vez mais o espaço e hoje os canteiros se resumem ao redor do tronco das árvores.

As quatro ruas que delimitam sua área são de tráfego intenso, seu entorno é tipicamente de comercio e serviços, o cine Odeon que na época juntamente com outros quatro, compunha o circuito de entretenimento mais utilizados na década de 70 e meados de 80. Hoje os filmes passaram a ser

exibidos somente nas salas de cinema do *Shopping Center*, os três prédios que sobraram dos antigos cinemas abrigam redes de templos de redes religiosas.

Dentro da praça existe uma nítida divisão das apropriações, não é física, mas uma territorialização marca os lugares de cada grupo; a área sul mais próxima ao ponto de ônibus é uma extensão do próprio ponto, bancos e canteiros sombreados por árvores são alternativas muito mais agradáveis que esperar sob cobertura de policarbonato dispostos na estreita calçada central.

figura: 23

Objetos e ações: Praça Oswaldo Cruz

Desenho: Miwa e Hijjoka, 2007 - Base: Secretaria de Planejamento

A parte central é onde ficam as bancas de venda de artesanato, bijuterias, trabalhos de pintura em tecidos, pequenos utensílios confeccionados em bambus.

A praça abriga toda essa diversidade de pessoas, que buscam momentos de alívio, lugar da convivência dos diferentes que buscam o comum, num acordo tácito da regra de ocupação dos espaços. Nota-se o desvio na rota de algumas pessoas evitando a área dos mendigos, existe uma malha de tensões constantes invisíveis, no entanto sensíveis.

Os prédios em volta são em média de três andares, concorrendo com a altura das árvores o e permite que sejam ouvidas as zoadas do vento nas copas.

O entrono de grande movimento tanto de veículos quanto de pedestres, faz com que no espaço presente predomine a relação com a dinâmica de circulação. Ao longo de inúmeras transformações, tanto na praça quanto no entorno, a sua natureza de jardim ao qual foi concebida originalmente foi gradativamente se perdendo; hoje somente a área central da praça guarda esta característica.

Praça João Pessoa (Lago do Rosário)

O largo do Rosário foi o adro correspondente à igreja da Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, cujo espaço é ocupado, atualmente pelo hotel. O Largo possui seu perímetro delimitado pelas construções do entorno.

Ao longo de sua existência sofreu inúmeras reformas, do largo de chão batido, no final da década de 20 do século XX, recebe quatro pequenos canteiros, uma em cada extremidade do quadrado. O espaço para circulação de veículos que começava a fazer parte do transporte da cidade, ganha a porção mais generosa do espaço.

Mais tarde no final da década de 60, os canteiros são removidos e o Largo ganha uma grande fonte luminosa no centro e todo o restante da área se torna o leito carroçável ampliando ainda mais a área destinada aos automóveis. Mesmo com a distinção entre as calçadas e o leito carroçável, a pouca frequência e a baixa velocidade, permitiam compartilhar e conviver automóveis e pedestres em toda a extensão.

O espaço de convergência que possibilitava maior aglomeração na cidade, era local das comemorações das vitórias e conquistas, dos acontecimentos mais importantes.



figura 14
"Praça da Fonte"
Fonte: Acervo CONPHAP

O Largo do Rosário passou a se chama Praça João Pessoa, mas poucos o conhecem por esse nome. A identificação se dá não pelo nome que se lê na placa, mas decorre da experiência, do processo vivido e marcado; para os que tem mais passado com referências na cidade, é conhecido como o Largo do Rosário ou Praça da Fonte. Já os que não têm passado na cidade, que vieram de outras regiões, o conhecem como a da "Praça da Marisa".

Provavelmente para uma criança seria a praça dos pombos, ou do sino; na medida em que o tempo de uma criança pequena não é igual ao de um adulto, tampouco é igual sua experiência de lugar.

Processos particulares constroem a identidade com o espaço, e à medida que se torna inteiramente familiar, torna-se lugar. O fato marcante vivido

cria o vínculo com o espaço, manifestações afetivas com o lugar⁵⁰ permanecem inalteradas mesmo com as alterações físicas decorrentes da urbanização.



figura 15
Igreja do Rosário e o Largo
Ao fundo a esquerda as copas das árvores da Praça Oswaldo Cruz
Acervo: Conphap (Gogelis, 1949)

Dentre as várias alterações a mais significativa foi a demolição da Igreja do Rosário para a construção do Hotel Binder, que já foi o maior hotel da cidade, hoje com o surgimento de grandes redes hoteleiras modernas que totalizam 17 estabelecimentos, já não é a opção mais procurada pelos hóspedes.

As grandes redes varejistas de venda de vestuário como Lojas Marisa, Riachuelo, Casas Pernambucanas, intercalados por outras de pequeno porte convivem no Largo do Rosário, oferecendo opções de tradição e modernidade correspondendo à diversidade do público.

⁵⁰ TUAN, Yi-Fu. Topophilia – A study of environmental perception, attitudes, and values. Prentice-Hall, New Jersey. s/ data.

Massificação e capitalismo imperando rapidamente; o pequeno público leal que ainda prima pela tradição vem perdendo espaço na balança entre os valores tradicionais e os valores essencialmente capitalistas.

Poucos ainda resistem no pequeno comércio que atendem a clientela que fora conquistada ao longo do tempo; atendendo pelo nome os clientes e os reconhecendo nas ruas; contrastando com os grandes estabelecimentos, com um batalhão de vendedores treinados a captar consumidores, onde pessoas viram números.

O perfil do comércio local foi se transformando, na década de 70 do século passado, ainda havia um número significativo de residências no centro, mas nos anos 80 passou a ser eminentemente comercial.

A primeira metade da década de 80 foi o período de grandes transformações, ao longo das duas ruas que hoje são calçadas. Foram se instalando o comércio mais significativo da cidade, as melhores e mais caras lojas de vestuários, calçados, relojoarias e joalherias, freqüentados pela parcela mais abastada da sociedade.

O Hotel Binder que ocupa o espaço onde havia a Igreja tem nos seus três primeiros pavimentos a galeria, lembrando as galerias da área central da capital, de colunas circulares, o espaço privado aberto ao público, permitindo acesso livre pelo seu interior, o corpo vertical de maior volume recuado do alinhamento da rua, aberturas no interior da galeria que permitem iluminação natural.

Eram ocupados nos anos 80 pelas butiques, lojas de presentes, jóias, consultórios, escritórios e salões mais badalados; freqüentados pela “*high society*”

mogiana; possuía até um piano bar e era a opção das mais “chics” que a cidade tinha para os finais de expediente, local dos acontecimentos sociais, registrados pela coluna social dos jornais locais.

No final da década de 80, com o surgimento do *Shopping Center*, houve o deslocamento dessas lojas, e o local passou a ser ocupado pelo comércio popular, as lojas do pavimento térreo da galeria hoje são ocupados por lojas do tipo “um e noventa e nove”.⁵¹

O Largo não tem em seu perímetro a circulação de veículos, distinguindo das demais praças da cidade, a ausência de veículos confere ao local maior tranquilidade. Seus poucos bancos dispostos nas laterais são bastante disputados, a praça tem a função de respiro, local de alívio da tensão e pressão exercida pela sensação de apinhamento ao trafegar no meio de pessoas e veículos pelas ruas estreitas nas adjacências.

Essa tranquilidade é traduzida de várias formas, pela maior liberdade, as crianças podem correr livremente sem se preocupar com carros, a ausência no entorno imediato de veículos proporciona maior qualidade sonora, a proporção do aberto e altura do entorno não são claustrofóbicos nem agorafóbicos.⁵²

Bancos sombreados pelas árvores nas laterais são locais privilegiados para o descanso e vista do movimento de pessoas. Uma vez que o grande fluxo de circulação desenha um “T”; são criadas zonas de estar nas duas laterais do

⁵¹ Surgiu no final dos anos 80, com a abertura das importações, muitos produtos chineses de custo reduzido se torna acessível, foram se espalhando as “lojas um e noventa e nove”, que simboliza o comércio mais popular.

⁵² Segundo Ashihara: A proporção da extensão horizontal (D) com a vertical (H), quando ultrapassa $D > 4H$ torna proporções agorafóbicos; $D/H=1$ alcança o equilíbrio, quando $D/H < 1$ reforça a interação que opera entre os edifícios, e experimenta a sensação de estar aprisionado, a impressão de claustrofobia aumentará conforme a relação D/H diminui ainda mais.

quadrilátero, essa sensação é reforçada pela parede cega que forma o pano de fundo dessas zonas abrigadas.

Continua sendo o centro das divulgações dos mais variados acontecimentos da cidade, de anúncios de bingo das igrejas, dos clubes, da APAE, e outras entidades com fins filantrópicos. Prêmios como carros, motos, bicicletas ficam enfeitados e expostos chamando a atenção de todos.

Em maio de 2006, num sábado, quando o plano diretor participativo estava sendo amplamente divulgado, foi o palco de palestras explicativas, intercaladas por animadas apresentações dos grupos de viola de Taubaté. Funcionários da prefeitura, da secretaria de planejamento, trabalhavam distribuindo panfletos e entrevistando pessoas. Não foi o único meio, obviamente ocorreram reuniões e audiências em todos os bairros, mas foi uma das maneiras de reforçar a mensagem, difundir e esclarecer. Chamando a participação do povo, no dia de maior movimento, procurando atingir os que durante a semana no seu cotidiano apurado não se atentaram para o fato.

Como na ágora ateniense; cidadãos discutindo os rumos para a construção do ideal da *polis*, exercendo sua cidadania, afirmando a praça como verdadeiro local da esfera de vida pública.

Figura 16
Objetos e ações – Praça João Pessoa
Desenho: Hijjoka e Miwa, 2007 – Base: PMMC

Nos finais de semana, o espaço vira local de apresentação dos grupos artísticos musicais tanto da cidade quanto vindos de fora. Recentemente (Maio de 2007) um grupo artístico da capital⁵³ se apresentou utilizando-se da rampa como palco, uma pequena multidão se formava inicialmente como espectadores, mas no decorrer da apresentação algumas crianças foram chamadas a entrarem na roda, depois os adultos. Desconhecidos de mão dadas em roda dançando e cantando na praça, surpresa aos transeuntes, pois os espectadores não sabiam de antemão sobre a programação, os que passavam pelo Largo foram surpreendidos pelo agradável evento.



figura 17
Cantando e dançando na Praça da Marisa
Foto: Hijioka, 2007

⁵³ Grupo Babado de Chita – Pra todo mundo dançar. Dança, música e pesquisa cênica popular. Nasceu em 2002, inspirado pela dança, música e pela arte popular em geral. Dedicou-se às pesquisas de algumas dessas manifestações, transmitindo ao público a verdadeira essência, a brincadeira.

No final da apresentação, o grupo agradeceu e falou que há muito não se apresentava assim na rua, enfatizou que a energia proporcionada nesse tipo de apresentação⁵⁴ é muito diferente das apresentadas em eventos programados e divulgados com antecedência, aonde o público vai ao determinado local com a intenção de assisti-los. O largo retoma nesses momentos a essência da praça como na medievalidade, do lugar de apresentação dos espetáculos ao ar livre.

Apropriações ora com maior intensidade ora menos, mas sempre acontecem. Durante a noite alguns lumpens se abrigam na pequena marquise que se forma na rampa do palco. Ainda de madrugada, grupos de senhoras chegam diariamente às 5:30 para o “rádio taisô” (fitas ou CDs, orientação das seqüências de exercícios com fundo musical)⁵⁵, a maioria composta de orientais, é tradição da praça há mais de 25 anos. Essa apropriação não mudou ao longo do tempo, enquanto o espaço nesse período foi objeto de quatro reformas.



figura 18
Rotina diária: ginástica e limpeza

⁵⁴ São apresentações programadas pela Secretaria de Cultura da Prefeitura, que oferece o espaço, os grupos se inscrevem. Não há ingressos ou divulgação prévia para o público, realizam-se aos sábados no horário das 10:00 às 13:00 horas. Os grupos não recebem “cachê”, apenas um valor simbólico para despesas de transporte e alimentação é oferecido.

⁵⁵ Originalmente foi difundido através da rádio no Japão. A partir de então faz parte do exercício diário nas escolas, em empresas adota se como exercício laboral com algumas variações, mas o trata se de uma linguagem comum a todos os japoneses.

Foto: A. Hijioka – junho/2006

Às 6:00 horas entra o carro pipa e funcionários da empresa da limpeza, faz a lavagem da praça, operação que leva uns 20 minutos, logo em seguida já começam a trafegar no local alguns trabalhadores passando apressadamente rumo à estação de trem ou pontos de ônibus. Às 7:00 horas o café já abre suas portas exalando o aroma matinal, mais pessoas vem chegando, os lojistas e funcionários abrem suas lojas para limpeza e arrumação para mais um dia de movimento.

O largo se apresenta no centro do eixo de maior movimento, dentre as três praças do sistema é a segunda de menor dimensão, tem a área de 1858,20 m2, quase um “*vest pocket park*”⁵⁶, no entanto a sensação que se tem é de que é maior do que parece.



figura 19
Parley Park – Vest Pocket Park

⁵⁶ Localizada em Nova York, Parley Park criado por Zion e Breene Associates para a fundação William S. Parley é exemplo de espaço de apropriação pública de administração privada. Chamada de Vest Pocket Park pela dimensão bastante reduzida de 1483.44 m2 (4200 square foot). Apesar da pequena dimensão é sucesso de crítica e público, a estreita relação com a rua proporcionada pela abertura na sua menor dimensão voltada para a calçada. Toda a área do Park é elevada, o acesso se dá pelos degraus ou rampas laterais, no seu interior possui cadeiras e mesas móveis que permite agrupar, isolar, posicionar livremente dentro do espaço. Uma queda d'água, com vazão de 6480 litros por minuto (1800 gallon per minute) na parede oposta à entrada forma um ponto focal dramático, tem efeito de abafar o som da cidade. Possui sombras e luzes em doses adequadas proporcionadas pelas 17 árvores de porte médio.

Fonte: acervo PPS Org. (Project for Public Space)

Tuan fala da espacialidade⁵⁷ que está intimamente ligada com a sensação de estar livre. Isso se torna ainda mais evidente ao percorrer as estreitas ruas e calçadas das quadras lindas, onde se vê grupos de pessoas andando em fila indiana, calçadas de 90cm com postes, lixeiras, placas e outros equipamentos impedem o caminhar lado a lado. É comum ver o líder da fila, voltando-se para trás checando se os demais estão seguindo com segurança, uma verdadeira aventura urbana.



figura 20

Calçadas e ruas estreitas.

Foto: Secretaria de Planejamento PMMC.

A despeito desse sistema de objetos aparentemente caótico, a inércia exercida por esses espaços não pode ser explicada apenas pela presença do comércio; existe uma multiplicidade de significados, intrincados e tecidos no tempo.

É pelo contraste que este espaço se faz maior, e pela apropriação se faz do Largo o lugar de maior “pracialidade” da cidade.

⁵⁷ Tuan coloca espacialidade e apinhamento como sentimentos antitéticos. Nem sempre o espaço amplo é experienciado como espacialidade, e a alta densidade necessariamente não significa apinhamento. No ato de locomover-se, o espaço e seus atributos são experimentados diretamente e são as seqüências de percepções que passam a compor o conhecimento do espaço ao longo de deslocamento.

Praça Oswaldo Cruz

Foi concebida em 1913 como jardim público; em uma área triangular remanescente das quadras traçadas, foi agregada parte da chácara do Barão de Jaceguai para obter a forma retangular.

Era a primeira praça-jardim⁵⁸ da cidade sem o vínculo sagrado. Originalmente era cercada por uma mureta em todo seu perímetro e os acessos localizados nas quatro extremidades, e outras quatro na metade dos vértices que compunham o retângulo. Nota-se na foto da época o traçado sinuoso dos canteiros, plantio assimétrico das árvores remetendo ainda que de forma bastante incipiente aos jardins ingleses urbanos.

Possuía ainda um coreto na parte central com grades do guarda-corpo e corrimão ao estilo *art-nouveau*, onde se realizavam tradicionais retretas era ainda o lugar dos saudosos carnavais de rua. Foi local de *footing*, bastante freqüentado pela pequena burguesia que aqui surgia no início do século.

A Praça ajardinada era equipada, pavimentada e tratada com esmero para abrigar todas as novas modalidades de vida urbana que se estruturava, tornando-se um ícone social do espaço urbano. (MACEDO, 2003)

⁵⁸ Tipicamente brasileira, diante da impossibilidade de adotar padrões europeus, (amplos jardins públicos) criou-se através de um processo sincrético no momento do ecletismo uma praça tipicamente brasileira.

Tinha a vegetação bastante variada, a porção arbórea era composta de coníferas, palmeiras e paus-ferros; misturadas ainda à fênix e guapuruvus.

A praça era conhecida simplesmente como o “Jardim” da cidade, o seu entorno se adequava à natureza da praça. Instalavam se nas imediações os estabelecimentos comerciais e de serviços diverso. Chegou a ter no seu entorno dois dos cinco cinemas da cidade, o Cine Rio Branco na face oeste e o Cine Odeon na face norte, esta última funcionou até meados da década de 80.



figura 21

O “Jardim” à direita, ao fundo a Igreja do Rosário
Foto: acervo CONPHAP

Sofreu inúmeras reformas ao longo de sua existência, a primeira significativa delas foi logo após a segunda guerra mundial em 1945.

A praça perde o antigo “murinho”, abrindo-se para as ruas, os acessos são ampliados, o coreto é substituído por uma “moderna” pérgula e ganha um Monumento ao Pracinha.

As transformações buscavam tardiamente o estilo neoclássico, que era adotado em diversas cidades na década anterior e “predominava como o mais expressivo padrão paisagístico no Brasil daquela época”⁵⁹.

Mesmo mantendo grande parte das árvores existentes, o novo desenho de retas e simetrias eliminava parte da fluidez e descontração que tinham as alamedas internas, passando a expressar uma certa disciplina, mais uma vez as afirmações cívicas eram expressas no espaço público.

A porção arbórea foi mantida mas a vegetação arbustiva perde grande parte das variedades, substituídas por topiarias caprichosamente podadas.

O espaço público refletia o contexto social, econômico e político que a cidade atravessava; perde o ar romântico e espontâneo e ganha uma certa sisudez com essas alterações; a fluidez e espontaneidade que o desenho representava era substituído pela ordem e controle.

Ainda que o sistema de objetos tenha se transformado o sistema de ações nela operados continuavam, as retretas, os carnavais, os passeios após o cinema e os *footings* nas tardes.

⁵⁹ MACEDO, Silvio Soares; Praças Brasileiras; Quapá – Edusp, Imprensa Oficial, 2003.



figura 22
Jardim Público de Mogi em 1935
acervo: CONPHAP

De maior dimensão entre as cinco praças e largos estudados aqui, mede 4.537,27 m², que corresponderia a pouco menos de 20 % da área com tratamento de jardim da Praça da Republica em São Paulo.

Ao longo de outras reformas e o deslocamento gradativo da elite mogiana para os novos bairros, a praça foi se popularizando, chegou a abrigar um aviário na década de 70, bastante popular, mas polêmico. Aves diversas, como tucanos, araras, maritacas, patos até pavões e emas eram expostos em viveiros. Pequenos animais como coelhos e tartarugas, que ficavam em pequenos lagos também fazia parte da lista.

Havia também um bicho preguiça que vivia solto entre as árvores se tornando o “personagem” mais popular entre os animais. Quando avistada por entre as copas das árvores, era motivo de pequenas aglomerações e alegria da criançada e dos adultos.

É a praça com maior e mais expressiva arborização do centro, com paus-ferro seculares, a falsa seringueira que fica na esquina da Rua Barão de Jaceguai com a Rua Deodato Wertheimer, estas com o tronco com diâmetro superiores a um metro; em sua base foi construído um palco, o grosso tronco faz o fundo e a densa copa forma uma cobertura.

Hoje praticamente toda a área da praça é sombreada por copas altas, o verde aéreo é muito maior que a área com tratamento vegetal do chão. Sua extensão é toda em mosaico português. Possui equipamentos como sanitários, estacionamento para bicicletas (bastante utilizados pelos trabalhadores que utilizam o trem); bancas de revistas, bancos, lixos, telefones públicos e posto da policia militar, o que contribuiu para dar maior segurança no local. Por estar situado nas proximidades da estação ferroviária e ter em duas das quatro faces paradas de ônibus, tem apropriação intensa dos não moradores locais.

Na última reforma em 2003, que se deu juntamente com as outras praças da área central; foi consumida parte da área sul da praça para o alargamento do leito carroçável destinado ao corredor de parada de ônibus que melhorou muito o tráfego local. Proporcionou visibilidade maior, ampliou área de circulação, e a superfície que nos primórdios era em sua maior parte de tratamento vegetal, com os caminhos traçados cortando os canteiros, foi gradativamente se invertendo. A área de circulação foi tomando cada vez mais o espaço e hoje os canteiros se resumem ao redor do tronco das árvores.

As quatro ruas que delimitam sua área são de tráfego intenso, seu entorno é tipicamente de comercio e serviços, o cine Odeon que na época juntamente com outros quatro, compunha o circuito de entretenimento mais utilizados na década de 70 e meados de 80. Hoje os filmes passaram a ser

exibidos somente nas salas de cinema do *Shopping Center*, os três prédios que sobraram dos antigos cinemas abrigam redes de templos de redes religiosas.

Dentro da praça existe uma nítida divisão das apropriações, não é física, mas uma territorialização marca os lugares de cada grupo; a área sul mais próxima ao ponto de ônibus é uma extensão do próprio ponto, bancos e canteiros sombreados por árvores são alternativas muito mais agradáveis que esperar sob cobertura de policarbonato dispostos na estreita calçada central.

figura: 23

Objetos e ações: Praça Oswaldo Cruz

Desenho: Miwa e Hijjoka, 2007 - Base: Secretaria de Planejamento

A parte central é onde ficam as bancas de venda de artesanato, bijuterias, trabalhos de pintura em tecidos, pequenos utensílios confeccionados em bambus.

A praça abriga toda essa diversidade de pessoas, que buscam momentos de alívio, lugar da convivência dos diferentes que buscam o comum, num acordo tácito da regra de ocupação dos espaços. Nota-se o desvio na rota de algumas pessoas evitando a área dos mendigos, existe uma malha de tensões constantes invisíveis, no entanto sensíveis.

Os prédios em volta são em média de três andares, concorrendo com a altura das árvores o e permite que sejam ouvidas as zoadas do vento nas copas.

O entrono de grande movimento tanto de veículos quanto de pedestres, faz com que no espaço presente predomine a relação com a dinâmica de circulação. Ao longo de inúmeras transformações, tanto na praça quanto no entorno, a sua natureza de jardim ao qual foi concebida originalmente foi gradativamente se perdendo; hoje somente a área central da praça guarda esta característica.

CAPÍTULO 3

**Leitura das apropriações do espaço público no centro e centro
expandido: Tradições e contradições na Festa do Divino.**

Esta cidade inserida no mundo global que em dado momento se transforma: da relação impessoal aparentemente predominante no cotidiano corrido e barulhento às procissões de orações da alvorada, de comunhão e introspecção; das buzinas e ruídos dos carros modernos ao som melancólico das rodas dos carros de bois, tudo acontece no mesmo espaço, mas imprime o tempo diferente.

O que acontece de tão contrastante nesse espaço que permite uma experiência sensorial tão intensa e rica? Que festa é essa: popular, religiosa, folclórica que mobiliza tantas pessoas, (devotos, não devotos, grupos folclóricos e demais habitantes da cidade) que se tornou a festa mais importante de Mogi das Cruzes? Foram estas questões que levaram a pesquisar alguns aspectos quanto à apropriação do espaço público do centro da cidade e a esfera de vida pública que nela acontece no período da Festa do Divino.

A festa

A festa do divino que hoje vivenciamos tem origem no Brasil colonial⁶⁰; sofreu o sincretismo com traços católicos, negros, indígenas e judaicos misturando-se; resultando numa religião sincrética especificamente colonial.

“Aqui tolerou-se e se incentivou o sincretismo quando necessário, mantendo-o nos limites do possível. Lá incorporaram-se manifestações folclóricas à religião oficial a fim de satisfazer necessidades da piedade popular (...). entretanto, toda multiplicidade de tradições pagãs, africanas, indígena, católicas, judaicas não pode ser compreendida como remanescente, como sobrevivência: era vivida, inseria-se nesse sentido, no cotidiano das populações. Era, portanto, vivência. É nessa tensão entre o múltiplo e o uno, entre o transitório e o vivido que se compreendia a religiosidade popular da colônia, e inscrito o seu sincretismo”.
(1986: 97-8)⁶¹

Congada, Moçambique e marujada são as danças e canções folclóricas que fazem parte da festa. Convivendo lado a lado com os cânticos religiosos e tradicionais bandas cidade.

⁶⁰ Que por sua vez tem origem na Europa medieval

⁶¹ Souza, Laura de Mello e. O diabo e a Terra de Santa Cruz, São Paulo: Cia das Letras, 1998 in A Festa do Divino em Mogi das Cruzes – Folclore e massificação na sociedade contemporânea.

Segundo o historiador e pesquisador do folclore local, Jurandyr Ferraz de Campos, data de Maio de 1752, o registro no livro de Gasto e Receita da Ordem Primeira do Carmo o valor gasto com cera para vela para Missa e Festa do Espírito Santo. Apesar de não ter uma data específica é amplamente difundido que a festa é uma tradição comemorada há pelo menos 300 anos na cidade.



figura 34

A procissão chegando na cidade.
Foto: Belezza, 1928

São poucos os registros referentes ao passado dessa festa tão antiga, o mais antigo registro de imagens em movimento, raro e único que se conhece é de maio de 1936, quando Mário de Andrade veio a Mogi, para conhecer a Festa do Divino e suas manifestações folclóricas. Estava acompanhado de Lévi-Strauss e de sua mulher, a etnóloga Dina Lévi-Strauss, que registraram em filme uma procissão, os grupos de congada e moçambique e uma cavalhada em campo aberto não identificado da cidade.

Volpi teve intenso contato com Mogi, pois além de ser caminho para Itanhaém, terra de origem de sua esposa, que passava de tempos em tempos um período nas terras litorâneas recuperando sua saúde. Tinha um sítio e parentes em Mog. Existem alguns registros da paisagem mogiana em seus quadros, com o título “Rua de Mogi” (em muitos ele não colocava título).

Conhece-se o episódio do qual as bandeirinhas resultaram. “Um dia, em começos da década de 50, Volpi chegou de madrugada a Mogi das Cruzes, onde possuía um sítio, e encontrou a cidade toda engalanada para uma festa junina. Ainda sob o impacto dessa emoção, realizou depois, no atelier, um quadro onde duas carreiras de bandeirinhas se superpunham a um conjunto de casas”.⁶² Um outro registro descreve um quadro de meados de 30, “uma paisagem com uma negra carregando uma trouxa no primeiro plano e um mastro com a bandeira do Divino ao fundo (dois motivos recorrentes na obra do artista), o céu de um azul escancarado...”.⁶³

Hoje os meios de comunicação, TVs locais⁶⁴ registram e transmite ao vivo os eventos, a difusão em massa que esses meios proporcionam tem contribuído para o aumento da popularidade, é notícia, é espetáculo, que gera audiência, mas de muito longe é a vivência na sua dimensão mais rica.

Preparado durante todo o ano, culminando no dia que antecede o domingo de pentecostes; sábado de manhã a cidade se prepara para o ponto alto da festa: a entrada dos palmitos. Os acessos principais para a área central da cidade são interditados, e toda uma logística de infra-estrutura que vão além dos

⁶² Volpi, Alfredo (1896-1988) Data de 53, 54; nessa época, Volpi já se libertara inteiramente da representação natural, trabalhando entre quatro paredes em construções imaginárias. Fala-se aqui da festa junina numa generalização, que não traz uma especificação se é do Divino, São João ou Santo Antonio.

⁶³ Mammy, Lorenzo. Volpi/Espaço da Arte Brasileira. Ed. Cosac & Naify. 2ª ed. 2001 (p. 19)

⁶⁴ TV Diário (Rede Globo) no canal aberto e mais tres redes locais em canais por assinatura.

participantes e espectadores é preparado, desde o desvio dos veículos por rotas alternativas à mobilização da equipe de limpeza (que prontamente entram em ação tão logo encerrada a procissão numa grande operação de lavagem das ruas, afinal passam pelas ruas centenas de animais, entre bois e cavalos). A entrada dos palmitos marcava a chegada da população rural para participar da festa, trazendo oferendas de sua colheita: palmitos e outros produtos da terra, lembrando que antigamente quase toda a população era concentrada na zona rural.

As áreas livres de grandes dimensões nas quadras do centro expandido, são ocupadas por animais (cavalos e carros de bois) e seus donos como local de concentração e preparo para a procissão e apresentação.

A cidade se transforma; o sistema de objetos⁶⁵ não muda, mas a ausência de veículos, a presença de pessoas, confere ao local uma expressão diferente; permitindo a leitura de escala, atmosfera, percurso, ritmo de forma totalmente diferenciada do cotidiano. Um espetáculo de movimento, cor, som, cheiro e sabor; numa profusão de sensações.

A procissão que se inicia na capela de Santa Cruz segue pelas antigas ruas da cidade até a Igreja da Matriz onde se encontra o Império⁶⁶; que fica aberto para visitação pública durante todos os dias e todas as noites da festa, guardadas por dois soldados do exército que se revezam na vigilância 24 horas por dia.

figura 35
Devotos no interior do Império
Foto: Hijioka, 2006

⁶⁵ Espaço santosiano como um conjunto indissociável do sistema de ações e sistema de objetos.

⁶⁶ Altar em louvor ao Divino montado na praça da catedral, ricamente ornamentado tendo como destaque a pomba, símbolo do divino; fica exposto também a coroa, o cetro e a bandeira dos festeiros.

O cortejo (cerca de 2000 pessoas) segue liderado pelas autoridades local, seguida pelos personagens importantes da festa que são os festeiros⁶⁷, como destaque carregando a bandeira, coroa e o cetro; capitão do mastro, devotos, escolas, carros de bois e cavalgada.

Grupos folclóricos de congada, moçambique e marujada da cidade e outros grupos folclóricos convidados de outras cidades exibem-se intercalando os vários blocos do cortejo. Esses grupos residem em bairros periféricos e seus integrantes são na maioria composta pelo líder do grupo e seus familiares, parentes. A tradição vem sendo passada de geração a geração e os valores culturais têm raízes africanas, personagens dos reis e rainhas do Congo são representados nas danças de marujada e moçambique.

Os líderes dos grupos além de serem figuras importantes dentro das apresentações, têm a função de zelar pela disciplina, orientar e organizar o grupo; suas relações muitas vezes vão além das atividades folclóricas, estendendo o papel como conselheiros ou líderes morais da comunidade, aconselhando ou até repreendendo. Através das danças e cantos preservam suas raízes, mas são também meios de integração social e lazer entre os membros do grupo e dos grupos entre si.

Durante o cortejo o canto entoado pelos grupos folclóricos é ouvido nas suas variações, seguidos ora com cantos religiosos ora com sons de marcha da

⁶⁷ O casal de festeiros são eleitos na missa do último dia da festa do ano anterior, com aval do bispo da diocese local e se dedicam o ano inteiro para a realização da festa seguinte, são pessoas com bom relacionamento, além de disponibilidade de tempo e dinheiro, já que todo o trabalho de organização além de ser voluntário, requer grande dedicação e apoio de amigos e parentes.

banda⁶⁸, há momentos de transição entre um grupo e outro em que os sons quase se misturam.

A diversidade e riqueza sonora da cultura popular de expressão oral, utilizada num jogo divertido de palavras, segundo Michel de Certeau, uma *trampolinagem*⁶⁹. Atores brincantes e dançantes saem da rotina para se exibirem, a rua vira palco. E todo o trajeto do cortejo vira uma grande praça, todos estão ali, para verem e serem vistos.

São pessoas de todas as idades, se colocam ao longo do percurso para assistirem ao cortejo portando bandeiras, bandeirinhas e lenços do divino amarrado ao pescoço; desfrutando do grande espetáculo que passa pelas ruas, aplaudindo e dando vivas; incentivando e se encantando.

Carros de bois enfeitados com produtos da terra, outros levando crianças carentes são espetáculos à parte, remetendo a um remoto passado reforçado pelo som melancólico das rodas de madeira. Charretes simples aparentando bastante uso transportando pessoas humildes, outras novas e brilhantes levando pessoas aparentando poder aquisitivo mais elevado, misturam se e seguem fazendo parte do cortejo.

⁶⁸ Banda Santa Cecília, banda de música oficial da cidade fundada em 1926, apresenta se todos os sábados no coreto da Praça São Benedito; na Festa do Divino trinta músicos tocam acompanhando a procissão.

⁶⁹ Palavra associada à acrobacia do saltimbanco e à sua arte de saltar no trampolim, como trapaçaria, astúcia e esperteza no modo de utilizar ou de driblar os termos dos contratos sociais.



figura 36
Carros de bois no asfalto da cidade
Foto: Hijioka, 2007

Os cavaleiros e amazonas (cerca de 200) encerram o cortejo, cavalos de raça preparados e montados fazem o percurso, alguns em condutas exibicionistas que destoam um pouco do espírito religioso da festa, outros portando a bandeira do Divino demonstrando devoção.

Durante os dez dias de festa, são programadas apresentações diversas no espaço montado para a quermesse, desde música caipira, sertaneja ao MPB; de danças folclóricas tradicionais aos atuais “street-dance”.

São servidos no local, além dos doces típicos das quermesses preparadas pelas Abelhinhas do Divino⁷⁰, churrascos, bebidas típicas, afogado, e nos últimos anos comidas orientais como yakissoba e tempura, incorporados pela participação das comunidades católicas japonesas.

Dentre os vários comes e bebes, o afogado é o alimento mais representativo da festa, sua receita varia um pouco dependendo da linhagem,

⁷⁰ Normalmente formadas por grupos de mulheres de idades variadas (mais de cem), aposentadas, donas de casa, executivas, domésticas, do comércio, professoras que se unem para o preparo antecipado de doces e salgados que serão vendidos durante a quermesse.

mas sua base principal é de carne bovina e batatas, além de salsão, salsinha, cebola, tomate e outros ingredientes que variam. São cozidos durante horas em grandes panelas industriais até quase o ponto de se desmancharem. São preparados pelos homens, segundo eles próprios “as mulheres atrapalham”, muito saborosos e nutritivos são servidos com farinha de mandioca aos participantes após a entrada dos palmitos, e vendidos durante a quermesse.

Não se trata apenas do alimento, mas um simbolismo forte está por trás do prato. Segundo o bispo da diocese dom Paulo Mascarenhas Roxo: “Não é por fome que você come o afogado. É por comunhão com alguma coisa maior do que você”.

Antigamente servia para alimentar o pessoal da roça e os cavaleiros que faziam longas caminhadas para participar da entrada dos palmitos. Hoje apesar de manter apenas o seu valor simbólico, é a iguaria mais tradicional e procurada na quermesse, sendo servidos até 1800 cumbucas de afogado por noite. A estrutura de atendimento do espaço do afogado é composta por mais de cem pessoas, para agilizar o atendimento um sistema de aviso sonoro por apitos sinalizam as mesas que vão desocupando indicando com os dedos o número de pessoas que podem ocupar, no início da fila dos que já possuem as fichas fica o outro com apito liberando o número de pessoas correspondentes às vagas. Criatividade e habilidades adquiridas ao longo dos anos fazem desse ato, performático até, uma forma de entretenimento aos que aguardam ansiosamente sua vez em longas filas.

Senhores simpáticos com mais de dez medalhinhas do divino⁷¹ no peito servem aperitivos aos que aguardam as mesas seus pratos. Perguntado sobre o número de medalhinhas respondeu que há doze anos participa da festa que faz com muito amor, que “faz um bem danado pra alma, e que é um motivo de orgulho participar”, justificando todo o esforço dedicado noite após noite, e assim supõe que sejam para quase todos. Quanto à possibilidade de ser festeiro um dia, se esquivou, dizendo que era “quase insano” o trabalho do festeiro e que ele apesar dos doze anos de dedicação está muito longe de encarar tal tarefa.



figura 33

Medalhas no peito e o apito na mão.

Foto: Hijioka, 2006

Muitos deles que atuam na quermesse participam também da alvorada, que inicia às cinco horas da manhã durante todos os dias da festa. Parte da praça da catedral, onde se concentram a partir das quatro e meia da manhã, e saem em procissão pelas ruas da cidade acompanhados da folia do Divino.

⁷¹ Cada ano é confeccionado um tipo, pequenas medalhinhas que os colaboradores utilizam na gola, no peito em forma de broches ou nos chapéis.

Encerram a procissão retornando ao império, onde é celebrada uma missa, depois se reúnem no salão paroquial onde são servidos café e pão com manteiga. Alguns deles saem daí direto para os locais de trabalho.

O preparo para passagem da procissão do domingo de pentecostes acontece na tarde de sábado, ruas são decoradas com tapetes confeccionados por estudantes de ensino fundamental e médio, além da comunidade local.

Desta vez a rua vira tela, onde num trabalho meticuloso surgem desenhos coloridos de motivos religiosos, a pomba, cruz, flores. Os materiais são variados; pó de serra tingido por corantes, casca de ovos, pó de café, são coletados semanas antes e armazenados para a sua utilização.



figura 34
A rua vira tela
Foto: Sandeville, 2006

Às quatro da tarde inicia a procissão solene pelas ruas da cidade, com o bispo diocesano, diversas irmandades, festeiro, devotos, grupos folclóricos e banda de música. O cortejo segue acompanhando o Andor (imagem do Divino)

carregado por soldados do exército, e é depositado no altar da catedral para celebração da missa pelo bispo.

Encerra se assim o ciclo da Festa do Divino, e no final da missa já é anunciado o festeiro da próxima festa. E tudo começa de novo.

A apropriação do espaço público na Festa do Divino estende-se para muito além da área de passagem da procissão e local de quermesse, mais de sessenta Subimpérios⁷² são colocados em outros bairros para divulgação da festa, como escolas, universidades e bairros afastados do centro em locais de grande concentração.

A Casa da Festa é um outro local de grande movimentação onde são armazenados os donativos que serão utilizados no preparo dos diversos produtos, é a sede onde se concentram as mais variadas atividades pertinentes à festa. A mobilização em torno da festa e a demanda de tarefas para a realização do evento muitas vezes se assemelham a uma empresa, onde existem coordenadores e grupos cumprindo suas responsabilidades; mas essencialmente são motivados pela devoção, amizade, amor e solidariedade onde prevalece e a vontade se doar, fazer junto e fazer parte.

Em vários momentos pode se observar a inversão dos papéis e regras sociais, no dia a dia as classes subalternas servem as classes favorecidas; no consumo do afogado por exemplo eles é que são servidos. Em outros como no preparo de doces, uma boa doceira de um bairro afastado comanda o preparo onde as senhoras da sociedade fazem o trabalho indicado por ela. Marilena Chauí fala sobre o conjunto de práticas ambíguas e dispersas presentes na cultura

⁷² Altares mais simples que o Império, adaptados conforme o local; permitem maior divulgação e ampliação dos domínios simbólicos da festa.

popular “como prática local e temporariamente determinada, como atividade dispersa no interior da cultura dominante, como mescla de conformismo e resistência”⁷³.

Não que o estar junto se faça sem contradições, reflexos da sociedade de massas, existem sim relações de poder, distinção e afirmação de posições; mas o espírito da Festa prevalece e é sentida como solidariedade vivida.

Em que outra situação isso poderia ser vivido?

Situações de “pracialidades”⁷⁴ se instalam em diversos momentos, dos meses que antecedem aos dias da festa, até os dias da Festa propriamente ditos, diferentes espaços são apropriados e surgem “pracialidades” em intensidades variadas; sejam elas no fim dos ensaios dos grupos de congada, nas esquinas à espera da procissão ou na praça enfeitada para receber o Divino.

Se esse “estado de praça”⁷⁵ acontece em diversos momentos no cotidiano das pessoas, a Festa do Divino, parece ser um grande evento potencializador desse estado.

O local da quermesse durante as dez noites da festa, se torna a maior praça da cidade, pessoas vindas de todos os lugares, compartilham desse espaço. O que em alguns anos atrás era realizado no espaço aberto ao lado do ginásio esportivo municipal, passou a acontecer no Centro de Integração do Trabalhador que é um espaço duas vezes maior. *Outdoor* em locais estratégicos, anúncios em TVs e jornais, são recursos já utilizados há anos para a divulgação

⁷³ CHAUI, Marilena. Conformismo e resistência. São Paulo. Brasiliense, 1986.

⁷⁴ QUEIROGA, Eugenio Fernandes. Praças e pracialidades em design: a visualidade da paisagem à visibilidade dos lugares. I Seminário de Semiótica Aplicada ao *Design*. PUC-Rio, Rio de Janeiro, outubro de 2003

⁷⁵ idem.

da Festa. O porte que a Festa vem tomando é percebido também pelas grandes empresas que passam a patrocinar o evento.

Nos dias de Festa é possível vivenciar a paisagem que se desenha diferente, revelando o processo de metamorfose do espaço, explicitado através das densidades das ações e movimentos; da diversidade das relações. Esse desenho muito mais do que visual é sensorial, em todos os cinco sentidos, uma profusão de estímulos visuais, olfativos, auditivos, táteis e palatais; mesmo aos menos atentos ou não devotos é inevitável não ser tocado de alguma forma pela força que a festa representa.

A lentidão do andar como elemento para desencadear associações, a experiência urbana vivida no cotidiano de hoje com a de ontem, em contato com o avesso ou sua raiz profunda, que ainda se encontra em diversas esquinas e fachadas, mas visível quando o olhar é preparado para tal.

Emanam dessa situação valores; fazendo com que pessoas tenham mais riqueza de sensações e acontece nesses espaços, nas palavras de Miranda Magnoli, “o afetar a vida”.⁷⁶ Ela fala da importância dos espaços que possibilitem isso no cotidiano das pessoas, e que os espaços livres por excelência deveriam sê-los. Seguindo esse pensamento, o centro tradicional de Mogi está aquém das necessidades; as possibilidades oferecidas pela prefeitura não contemplam satisfatoriamente, tanto pela qualidade quanto pela quantidade, os anseios dos usuários.

⁷⁶ Anotações em reunião do Grupo de Pesquisa Temática SEL (Sistema de Espaços Livres) núcleo São Paulo (Quapá – Sistema de Espaços Livres e a Constituição da Esfera Pública Contemporânea no Brasil) de 28 de abril de 2006. Miranda Magnoli convidada especial para discussão sobre o tema.

Talvez o evento se trata de um velho/novo caminho que explique a permanência e transitoriedade da cultura popular, meio de expressão da liberdade⁷⁷ tomada de assalto no espaço público.

⁷⁷ A liberdade neste contexto entendida como a liberdade arendtiana, da “vita activa”.

**COTEJANDO OS SISTEMAS DE ESPAÇOS LIVRES DO
CENTRO TRADICIONAL E CENTRO EXPANDIDO**

Ao analisar os espaços livres das duas centralidades como sistemas pôde-se constatar diferenças nos valores econômicos, de uso e de memória.

Na leitura do conjunto, o contraste pode ser constatado tanto nas dimensões quanto nas formas de apropriação.

Na construção do centro cívico o desenho moderno não se efetiva, tratando-se na verdade de um estereótipo do moderno. Se o moderno preconizava espaços amplos abertos acessíveis, os espaços livres do centro expandido tomam parcialmente os atributos do moderno em sua forma e na ordenação, as proporções do construído com o vazio; grandes recuos entre as edificações. Quando tomado numa vista de sobrevôo a aparente disposição das edificações permeadas por amplos espaços vazios não mostra o fracionamento evidenciado pela cerca entre elas. Repete-se como conceito, o processo arcaico de ocupação do lote operado durante séculos no centro tradicional só que em escala maior.

No tecido apresentado pelo centro expandido os amplos espaços e as grandes distâncias entre as diversas funções, pressupõem a locomoção através

de veículos, são padrões de ocupação que visivelmente priorizam a circulação de automóveis.

Diferentemente das praças, largos e ruas do centro tradicional, onde a espacialização se deu antes do advento do automóvel na cidade, e que foram obedecendo a uma distribuição saudável que respeita o tempo do pedestre nas distâncias do andar.

Trata-se de espaços amadurecidos no tempo, a dimensão temporal sedimentada, como se cada parte fosse coberto de memória, revelando não só o que se evidencia visivelmente, mas traz consigo uma carga de significados que se revela para cada um o mais significante dessas lembranças.

No entanto, essa percepção não se dá no cotidiano de hoje, onde o ritmo frenético imprimido pelas atribulações da vida moderna, o trabalho, os compromissos e o deslocamento no tempo do automóvel mostra um descompasso das ações com o objeto.

Em momentos específicos, como na festa do divino, pode-se resgatar o compasso. Nos dias de procissão, o simples ato de caminhar, já estabelece uma relação diferenciada, capaz de transformar a ação em legibilidade. Revelam-se valores originais ou imaginários, resgatam-se memórias, atos e passos que na ausência do automóvel conferem significados muito diferentes do habitual no cotidiano da cidade.

As ações da festa se efetivam tanto no centro tradicional como no centro expandido, dada a dimensão que a festa alcança atualmente. Ajustando-se nos dois centros de forma orgânica, tomando os amplos espaços do centro expandido que são os lugares da quermesse e espaço de apoio na entrada dos

palmitos. As ruas estreitas, largos e praças do centro tradicional são os lugares das procissões e desfiles.

O conteúdo histórico e afetivo que os habitantes atribuem também compõe a imagem da cidade. No entanto esse conteúdo não pode estar isolado das soluções funcionais exigidas na organização e estruturação das atividades desenvolvido pelo agregado social e urbano.

As adequações dos espaços livres no decorrer do tempo nem sempre se ajustam à dinâmica que se opera; perdem-se atributos, inserem-se novos valores, procura-se resgatar outros, numa constante tentativa contrabalançar ações e objetos.

Muitas vezes os espaços livres se tornam campo de operações programadas e reguladas sob os discursos que ideologizam o progresso e a modernidade, e estes são ao mesmo tempo o campo de manifestação dos conflitos existentes na sociedade.

Essa nova estrutura, supostamente racional, que vêm sendo utilizado na produção da cidade concorre para agravar os desequilíbrios sociais, a inevitável luta pela sobrevivência , a angústia e medo de nossos dias, as formas contemporâneas de intervenção no tecido das cidades e o desespero da alienação que elas denotam integram o mesmo quadro geral de causa e efeito.

No ordenamento dos territórios dentro da cidade em busca de otimização e progresso, sobretudo quando se projetam vias de acesso rápido que interligam cidades ou bairros, é necessário lembrar que esse mesmo elemento conector na escala da cidade, é o elemento seccionador em escala menor.

Nos espaços da cidade tem-se que buscar uma forma de restabelecer um ambiente para conciliar a existência desses núcleos de espaços próximos, que abriguem o convívio e constituam o lugar de habitar; com essas amplas estruturas indispensáveis aos programas atuais, ao transporte de massas , aos serviços exigidos pela sociedade industrializada e informatizada.

A participação dos diversos setores envolvidos é fundamental para a qualidade do espaço, não somente as bases teóricas e estéticas mas considerar a participação dos usuários do local somados a uma leitura atenta da dinâmica atuante, são dados importantes para projetos e intervenções.

Trata se na verdade da inversão na forma de projetar esses espaços, da prática dominante do projeto técnico e impositivo, ao projeto baseado no envolvimento do coletivo que atua no espaço.

A articulação entre o projeto dos espaços públicos e o projeto participativo não faz parte do histórico da cidade de Mogi das Cruzes. A busca de uma linguagem comum diante de interesses conflitantes exige uma demanda maior na fase preliminar do projeto. Possibilitar o usuário local expressar suas aspirações, fazendo-se assim uma leitura das necessidades e prioridades e tratar o projeto como ferramenta de suporte do uso desejado; esta abordagem certamente traria soluções criativas que resultariam em lugares com mais qualidade.

A esfera de vida pública continua existindo apesar da forma atual de vida urbana cada vez mais alienante. A organização funcionalista somada a ação globalizante, tende a homogeneizar tanto as cidades quanto os seus habitantes, e ao privilegiar o progresso, provoca a condição do esquecimento de sua possibilidade mais ampla que considere as relações humanas dentro do projeto.

A cidade se revela como síntese da territorialidade que se cria, mostrando seu ideal projetado e seu avesso. O espaço na cidade não é uma entidade abstrata, geométrica, não identitária; habitar pressupõe identidade, e a cidade como lugar habitado é também o lugar da unidade na diversidade, e os espaços livres da cidade o palco dessa diversidade, da esfera de vida pública.

Ter espaços que são lugares aos que habitam a cidade é o mesmo que criar territórios de identidade, e territorialidade é síntese, essa síntese é manifestada como uma dimensão fundamental da sociedade.

Analisar processos singulares e plurais, permitir a re-emergência do elemento que o projeto urbanístico excluía, passa a ser um desafio, o entendimento do modo de vida revelada nesses locais como estrutura temporal-espacial pode ser um meio de tornar a cidade mais habitável.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFIAS

ARENDDT, Hannah. A condição humana (1958). Tradução: Roberto Raposo. 10a. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003

BARAVELLI, Luiz Paulo. Arte em São Paulo. Revista de artes plásticas produzida e editada por Luiz Paulo Baravelli, Lisette Labnado e Márion Strecker Gomes. n.9 – Agosto de 1982. edição especial

BERQUE, Augustin. *La trajectivité des formes urbaines*. In SALGUEIRO, Heliana Angotti. Paisagem e arte: a invenção da natureza, a evolução do olhar. São Paulo: I Colóquio Internacional de História da Arte, 2000, pg. 41-47.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano. Trad. Ephrain Alves. 2ª Ed., Petrópolis: Ed. Vozes, 1996.

COELHO Netto, J. Teixeira. A construção do sentido na arquitetura. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1984.

CHAUÍ, Marilena. Conformismo e resistência. São Paulo. Brasiliense, 1986.

Del RIO, Vicente. Introdução ao Desenho Urbano no Processo de Planejamento. Ed. Pini: 1990.

FERRARA, Lucrecia D'Aléssio. Leitura sem Palavras. Ed. Ática: 2002.

_____; Design em espaços. São Paulo: Rosari, 2002.

_____; Os Significados Urbanos. São Paulo: 2001

FRANCO, Maria de Assunção Ribeiro. Desenho Ambiental. Uma Introdução à Arquitetura da Paisagem com o Paradigma Ecológico. São Paulo. Ed. Annablume, Fapesp: 4ª Edição. 2004

GIMBERG, Isaac. Folclore de Mogi das Cruzes. São Paulo: sem ed. 1983

_____; Memória Fotográfica de Mogi das Cruzes, Mogi das Cruzes: Ed. Ex Libris, 2001

HALPRIN, Lawrence. The RSVP Cycles. Creative Processes in The Human Environment. New York: Braziller, 1973.

HOLANDA, Sérgio Buarque de, Raízes do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

KOOLHAAS, Rem. Mutations, Barcelona: Ed. Actar, 2004

LAFER, Celso. Hannah Arendt - Pensamento, Persuasão e Poder. São Paulo. Paz e Terra, 2003

MACEDO, Silvio Soares; Parques Urbanos no Brasil; Quapá. Edusp, Imprensa Oficial: 2003

MACEDO, Silvio Soares. Fábio Robba. Praças Brasileiras; Quapá – Edusp, Imprensa Oficial, 2003.

MACEDO, Silvio Soares . Quadro do Paisagismo no Brasil; São Paulo, 1999

MARX, Murillo; Nosso Chão, do sagrado ao profano. São Paulo: Edusp, 1989.

MORAES, Fernando Oliveira de. A Festa do Divino em Mogi das Cruzes – Folclore e massificação na sociedade contemporânea. São Paulo. Fapesp Anablume, 2003.

PONTY, Merleau. Fenomenologia da Percepção.

PROCESS: Architecture num. 109. Venetro Italian Life style Scenario.

QUEIROGA, Eugenio Fernandes. Praças e pracialidades em design: a visualidade da paisagem à visibilidade dos lugares. I Seminário de Semiótica Aplicada ao *Design*. PUC-Rio, Rio de Janeiro, outubro de 2003

QUEIROGA, Eugenio Fernandes. A megalópole e a praça: o espaço dentre a razão de dominação e a ação comunicativa. Tese (doutorado em Arquitetura e Urbanismo) FAU-USP, SP, 2001

ROLNIK, Raquel. A cidade e a lei: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo. São Paulo: Studio Nobel; FAPESP, 1997

SANTOS, Milton. A natureza do espaço. São Paulo, Hucitec, 1996

SANDEVILLE JUNIOR, Euler. Paisagens e métodos. Algumas contribuições para elaboração de roteiros de estudo da paisagem intra-urbana. São Paulo: *Paisagens em Debate* n. 2

SANTOS, Milton; A natureza do Espaço. São Paulo: Edusp, 2002.

_____ ; A urbanização Brasileria. São Paulo: Edusp, 2005.

SEGAWA, Hugo. *Ao amor do público: jardins do Brasil*. São Paulo: Studio Nobel. FAPESP, 1996

SITTE, Camillo. A construção da cidade segundo seus princípios artísticos. São Paulo: Ed. Ática, 1992

SOUZA, Maria Adélia de; Pedagogia Cidadã e Tecnologia da informação: Um projeto piloto para periferia sul da cidade de SP. In: Ribeiro A.C. Repensando a experiência urbana da América Latina: Questão conceitos e valores CLASCO, Buenos Aires, 2000.

SOUZA, Maria Adélia de – Pedagogia cidadã e tecnologia da informação: um projeto piloto para periferia sul da cidade de São Paulo. In: RIBEIRO A. C. Repensando a Experiência Urbana da América Latina: Questão, conceitos e Valores. CLACSO, Buenos Aires: 2005 <www.territorial.org.br/bibvirtual> acesso em maio de 2006.

SUN, Alex. Convívio e exclusão no espaço público: questões de projeto da praça. Tese de doutorado. FAU USP. 2004.

TOLEDO, Benedito Lima de, São Paulo três cidades em um século. São Paulo: Cosac&Naify, Duas Cidades, 2004.

TUAN, Yi-Fu; Espaço e Lugar. São Paulo. Difel. 1983.

TUAN, Yi-Fu; Topophilia. Prentice Hall, Inc. Englewood Cliffs, New Jersey, s/ data.

Revistas e periódicos

AU Arquitetura e Urbanismo, 137. Agosto/2005 São Paulo: Ed Pini

Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Nº 23 - Cidades

Endereços eletrônicos

PPS – Project for Public Space. www.pps.org

PMMC – Prefeitura Municipal de Mogi das Cruzes.

www.pmmc.sp.gov.br

Prefeitura Municipal de Santo André. www.santoandre.sp.gov.br